

O Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



BRONCO

1000

1988

ARTIGOS

4 1888: DESFECHO, FRUTOS E LIÇÕES
Robert W. Olson

12 OS HOMENS DE MINNEAPOLIS
George R. Knight

18 O QUE É A MENSAGEM DE 1888?
C. Mervyn Maxwell

23 ARREPENDIMENTO COLETIVO
George E. Rice

27 TEMOS RETARDADO O ADVENTO?
Ralph E. Neal



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Diagramador:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho; **Capa:** Foto Mabusa/União Incaica.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Editorial

Estamos concluindo nossa série de artigos com a reimpressão de um documento de pesquisa, intitulado "The Dynamics of Salvation" (A Dinâmica da Salvação). Nos dias 3 e 4 de outubro de 1979, um grupo de Consulta Sobre Justificação Pela Fé, constituído de 145 membros, reuniu-se em Washington, D.C. Depois dessa reunião, uma comissão de editorial, composta de 24 membros, reuniu-se em fevereiro de 1980, e produziu esta publicação que foi primeiramente distribuída a todos os membros da Consulta para crítica e revisão, em harmonia com suas reações. Este documento apareceu no número de 31 de julho da **Adventist Review**. O resultado não foi apenas o produto da Consulta da Justificação Pela Fé, mas refletiu as discussões de reuniões anteriores, dedicadas a um estudo da justificação pela fé.

Há os que acusam a Igreja de ter hoje um ponto de vista **oficial** sobre justificação pela fé, comparável ao dos que rejeitaram a mensagem de 1888. Esta acusação é grave e, se provada, não resta à Igreja senão arrepende-se desse ponto de vista errado. Não obstante, antes de defendermos o arrependimento, estudemos cuidadosamente o que cremos como igreja, com respeito a este importante assunto.

Tive o privilégio de ser membro do grupo de consulta e de outras comissões que estudaram em profundidade o escopo completo do plano da salvação. Sinto que este documento proporciona uma excelente compreensão daquilo que a liderança desta igreja crê, com respeito à justificação pela fé. Se ele contém erro ou omissões graves, deveríamos conhecê-lo. Vossas sugestões e observações serão bem-vindas.

Existem graus de compreensão do evangelho, e sempre existirão. Nem mesmo duas

pessoas, e muito menos os membros como um todo, estão nos mesmos estágios de compreensão e crescimento espiritual; todavia, pode haver entendimento e unidade geral entre nós sobre os pontos básicos da salvação.

Qualquer discussão daquilo que aconteceu ou deixou de acontecer em 1888, deveria ser visto à luz de um conselho de Ellen White, dado em 1891. Escreveu ela: "Muitos cometem o erro de procurar definir a todo instante os pontos delicados de distinção entre justificação e santificação. Nas definições dessas duas palavras eles introduzem muitas vezes suas próprias idéias e especulações. Por que tentar ser mais minucioso do que o é a Inspiração, sobre a questão vital da justificação pela fé? Por que ocupar-vos de cada pontinho, como se a salvação da alma dependesse de compreenderdes exatamente tudo sobre este assunto? Nem todos podem ver de acordo com o mesmo ângulo" (diário de Ellen White, 27 de fevereiro de 1891), citado em George R. Knight, **From 1888 to Apostasy** (Hagerstown, Md: Review and Herald Pub. Assoc., 1987, pág. 69).

Como líderes espirituais da Igreja, deveríamos dedicar-nos ao estudo de nossa preciosa mensagem e levar nossos membros a fazerem o mesmo. Há muita ignorância doutrinária entre nós. O culto familiar, incluindo o estudo da lição da Escola Sabatina, está faltando em muitos lares. Um reavivamento e reforma de âmbito mundial no movimento adventista, deverá resultar de um estudo diário da Palavra, que produza um relacionamento mais íntimo com nosso Salvador. Oramos para que essa espécie de experiência se torne uma realidade. Em lugar de debater, criticar e condenar, possa Deus ajudar-nos a experimentar as alegrias da salvação e a alcançá-las e partilhá-las com outros. — J.R.S.

1888: Desfecho, Frutos e Lições

Foi a sessão de 1888 boa ou ruim para a Igreja?
Como podeis beneficiar-vos das reações e conselhos de Ellen White?

A sessão da Associação Geral realizada em Mineápolis, Minnesota, em 1888, transformou-se no maior ponto decisivo da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nossa mudança de rumo efetuou-se vagarosamente durante os três anos que se seguiram à conferência. Durante esse tempo, os persistentes esforços de Ellen White, A. T. Jones e E. J. Waggoner ajudaram a levar a Igreja do espírito de debate e do legalismo de anos precedentes, para um realce sobre a justificação pela fé na justiça de Jesus Cristo.

Essa mudança de direção, porém, não foi resultado da conferência de Minnesota. Em muitos sentidos, o encontro de Mineápolis foi um desastre. A Igreja foi ao fundo, espiritualmente, naquela sessão. Ellen White considerou-a "a mais triste experiência de minha vida"¹ e "a mais dolorosa prova de minha vida".² É a única sessão da Associação Geral, na história adventista, que foi assinalada por rebelião aberta contra Ellen White por parte de um grande número de nossos ministros. Ela chegou ao ponto de perguntar a si mesma se Deus não iria chamar ainda outro movimento. Com respeito a muitos dos delegados, declarou ela: "Como reformadores eles haviam saído das igrejas denominacionais, mas agora desempenhavam um papel semelhante ao que as igrejas desempenharam. Esperávamos que não houvesse necessidade de outra saída."³ *

Em que pese, porém, a sua profunda angústia pelo espírito de descrença manifestado por muitos, Ellen White previu com confiança que de algum modo o Senhor venceria, e muitos benefícios adviriam do encontro. Em 4 de novembro, no último dia da conferência, ela escreveu a sua nora: "Já falei aproximadamente umas vinte vezes com muita franque-

za, e creio que estas reuniões resultarão em grande bem. Não conhecemos o futuro, mas sentimos que Jesus está ao leme e não naufragaremos."⁴

Havia outros que viam tanto o lado positivo como o negativo da sessão. Três semanas após o término desta, W. C. White escreveu ao recém-eleito presidente da Associação Geral, que ainda estava na Europa: "Os delegados que ficaram até o fim da reunião levaram impressões bastante diversas. Muitos achavam que foi uma das reuniões mais proveitosas a que já haviam assistido; outros, que ela foi a conferência mais infeliz já realizada."⁵ **

Sem dúvida, aquela sessão levou a reações diversas. Alguns achavam que a sessão foi ruim — muito ruim. Outros, que foi boa — muito boa. O que tornou a reunião tão má? e o que a tornou tão boa?

* Todas as citações dos manuscritos e cartas de E. G. White deste artigo foram tirados da obra em quatro volumes: **Ellen G. White 1888 Materials**, publicada em 1987 pelo Ellen G. White Estate, Washington, D.C.

** Todas as citações de cartas deste artigo, não pertencentes a E. G. White, são tiradas da obra em dois volumes: **1888 Supplementary Materials**, publicada em 1988, pelo Ellen G. White Estate, Washington, D.C.

O lado negativo

Durante vários anos, antes do início da sessão, desenvolveram-se entre dois grupos de líderes da Igreja, diferenças pessoais e animosidades. Os irmãos de Battle Creek eram liderados por George I. Butler, presidente da Associação Geral, e Uriah Smith, editor da **Review and Herald**. Do lado desses homens estavam vários presidentes de associação, em particular os Pastores R. M. Kilgore de Illinois, J. H. Morrison de Iowa, R. A. Underwood de Ohio e I. D. Van Horn de Michigan, bem como certo número de luzes menores.

O outro grupo era dirigido por E. J. Waggoner e A. T. Jones, que serviam não só como co-editores da **Signs of the Times**, mas também como professores de Bíblia no Healdsburg College. Entre seus amigos estavam W. C. White, S. N. Haskell e C. H. Jones.

Inicialmente, as divergências entre estes dois grupos giravam em torno da interpretação de duas passagens das Escrituras. Os irmãos do leste criam que os hunos fossem um dos dez reinos de Daniel 7, e que a lei "ordenada" de Gálatas 3:19-25 era o sistema cerimonial judaico. Os irmãos do oeste, por outro lado, eram favoráveis aos Alemanni em lugar dos Hunos, e afirmavam que a lei ordenada em Gálatas era a lei moral.

O fato de Waggoner e Jones serem comparativamente jovens — na faixa dos trinta — enquanto Butler e Smith estavam na casa dos cinquenta, serviu para exacerbar a situação. Butler achava impossível crer que aqueles dois "jovens inexperientes, que haviam acabado de sentar-se na cadeira editorial, pudessem entender melhor a Bíblia do que ele."⁶

A indisposição entre os dois lados começou quando Waggoner publicou seu ponto de vista sobre Gálatas 3, em **Signs of the Times** de 11 de setembro de 1884. Sua explicação de que a lei ordenada era o código moral, contrariava frontalmente a interpretação aceita por Butler e Smith, bem como pela maioria dos adventistas daquele tempo. Acontece que o pai de E. J. Waggoner, J. H. Waggoner, havia tomado posição semelhante 30 anos antes. O Pastor Waggoner defendera em 1845 que "nem uma só declaração" de Gálatas "referia-se à lei cerimonial ou lei levítica". A epístola, escreveu ele, "trata tão-somente da lei moral".⁷

Aparentemente, Ellen White pôs fim à primeira controvérsia, ao afirmar que a interpretação de Waggoner estava errada.⁸ Durante as próximas três décadas a questão da lei em Gálatas não recebeu muita atenção; ao menos o assunto não provocou nova polêmica. Smith, Butler e os demais estavam certos de que Gálatas 3:19 se referia ao sistema cerimonial. Criam também que Ellen White defendia este ponto de vista, uma vez que ela havia rejeitado a posição de J. H. Waggoner.⁹

Agora o Waggoner mais moço, em certo sentido havia tirado a luva e deliberadamente reviveu a controvérsia. Ele esboçou sua posição numa série de nove artigos publicados na revista **Signs** de 8 de julho a 2 de setembro de 1886. Butler sentiu-se provocado. Ele considerou os artigos uma afronta a sua liderança. Resolveu pôr fim à questão de uma vez na sessão da Associação Geral de 1886. De pressa, produziu um panfleto de 85 páginas,

que distribuiu aos delegados, quando estes se reuniram em Battle Creek para a sessão da Associação Geral, em novembro daquele ano. Nesse opúsculo, Butler escreveu: "O escritor admite considerável surpresa que durante o último ano, ou talvez dois anos, o assunto (da lei em Gálatas) se tenha tornado bem saliente, nas instruções dadas aos que se estão preparando no Healdsburg College para trabalhar na Causa; também nas lições impressas no **Instructor**, destinadas a nossas Escolas Sabatinas fora do país, e em inúmeros outros artigos argumentativos na **Signs of the Times**, nossa revista missionária pioneira, levando assim estes pontos de vista amplamente ao público leitor que não está familiarizado com a nossa fé. Dessa maneira, ingentes e repetidos esforços têm sido feitos no sentido de afirmar que a lei moral é o assunto de que trata o apóstolo nos textos mais salientes de seu argumento na carta aos Gálatas. ...

"Protestamos resolutamente contra a apresentação de pontos de vista controvertidos da maneira indicada, concernentes a assuntos sobre os quais nosso povo não está de acordo."¹⁰

Na Conferência Geral de 1886, uma comissão teológica de nove membros foi indicada para estudar o ponto em discussão, o que eles fizeram imediatamente. Alguma coisa da tensão produzida entre os dois grupos de líderes da Igreja pode ser percebida pela carta de Butler a Ellen White, escrita logo depois do encerramento da reunião. "O irmão E. J. Waggoner continuava... alimentando o conflito", escreveu ele. "Foi organizada a comissão teológica... Quatro ficaram a favor do **Signs**: Haskell, Whitney, Wilcox e Waggoner, e cinco contra: Smith, Canright, Covert, J. H. Morrison e eu. tivemos um debate de várias horas, mas nenhum dos lados ficou convencido. A questão era se deveríamos levar isto à Conferência e envolver em luta um grande público ou não. Não pude recomendá-lo, pois achei que seria mais desastroso e resultaria apenas em acaloramento e debate."¹¹

A confrontação pública não pôde ser totalmente evitada naquela reunião; passou-se uma resolução dirigida a Waggoner, enquanto outra foi anulada. A conferência votou pedir aos editores adventistas "que não permitissem que pontos de vista não defendidos por uma expressiva maioria de nosso povo... fossem publicados em nossas revistas denominacionais, como se fossem as doutrinas aceitas por este povo, antes que fossem examinados e aprovados pelos irmãos experientes da liderança".¹²

Contudo, a resolução de Butler, que apelava para que houvesse uma censura da **Signs**

pelo fato de ter publicado os nove artigos sobre Gálatas no começo daquele ano, foi rejeitada. Butler lamentou: "Por justa razão, acho que ela devia ter sido aprovada. mas seria muito desagradável para o irmão Haskell e alguns outros, que fosse dita ainda que uma só palavra, dizendo que a **Signs** havia cometido erro."¹³

Um esforço para conseguir unidade e um pouco de paz, Ellen White, que estava na Europa, escreveu aos contendores, tanto de um lado como do outro e lhes apontou as falhas. Ela levou Waggoner e Jones a procurarem desenvolver suas idéias diante dos alunos de Healdsburg College e a publicá-las para o mundo.¹⁴ Depois, seis semanas mais tarde, após ler as primeiras páginas do panfleto de Butler sobre Gálatas, Ellen White o admoestou: "Acho que você foi muito contundente."¹⁵

Como deferência a Ellen White, a sessão da Associação Geral de 1887 foi realizada em Oakland, Califórnia, a apenas uns dez quilômetros de sua casa em Healdsburg. Evitou-se a discussão pública sobre a questão de Gálatas, mas, de acordo com o Pastor Butler, houve algumas discussões particulares sérias sobre o assunto. Ele informou mais tarde a Ellen White: "Na Conferência Geral de Oakland no último ano ele (Waggoner) reuniu-se em particular com alguns dos nossos ministros para falar sobre este assunto e leu-lhes uma longa análise que preparara, baseada no meu panfleto, e procurou por todos os meios engenhosos que pôde, introduzir seu ponto de vista sobre o assunto. ... Não tenho nenhuma evidência de que o Pastor E. J. Waggoner ou aqueles que o seguem tenham a idéia de desistir, mas penso que eles ainda se propõem a lutar por isso até um fim amargo."¹⁶

A discussão pública da questão de Gálatas e outros pontos controvertidos já não podia agora ser evitada. Na verdade, no início de 1887 Ellen White já a havia reconhecido como inevitável. Ela disse a Butler naquela ocasião: "A questão agora já foi exposta de maneira tão plena perante o povo, por vós mesmos e também pelo Dr. Waggoner, que deve ser enfrentada ampla e diretamente em discussão aberta. ... Distribuístes vosso panfleto; é natural que o Dr. Waggoner tenha também uma oportunidade, da mesma forma que tivestes. Acho que nem tudo é ordenado por Deus. Mas irmãos, não devemos cometer nenhuma injustiça".¹⁷

Em julho de 1888, na preparação para a reunião de Mineápolis, Waggoner, Jones, W. C. White e mais alguns ministros da Califórnia, reuniram-se por vários dias em um retiro na montanha. W. C. White escreve: "Passa-

mos dois dias examinando a história dos diversos reinos que desempenharam uma parte no desmembramento de Roma; e um dia, no exame da **Lei em Gálatas** do Pastor Butler, e outros tópicos que tratam dessa questão, no término dos quais o Pastor Waggoner leu alguns manuscritos que ele preparara em resposta ao panfleto do Pastor Butler. ... No final de nosso estudo, o Pastor Waggoner perguntou-nos se seria correto que ele publicasse seus manuscritos, e na próxima Conferência Geral os colocasse nas mãos dos delegados, como o fez o Pastor Butler com os seus. Achamos que seria correto, e o animamos a mandar imprimir 500 exemplares."¹⁸

Com o apoio de seus irmãos, Waggoner publicou seu livro **The Gospel in the Book of Galatians** (O Evangelho no Livro de Gálatas), e levou consigo um bom suprimento quando foi para Mineápolis.

Oito semanas antes da conferência iniciarse, Ellen White instou com seus irmãos para que se lembrassem do seu cristianismo na próxima reunião. Aos "irmãos que se reúnem na Associação Geral", escreveu ela: "Que cada alma se despoje agora da inveja, do ciúme, da ruim suspeita, e mantenha o coração em íntima união com Deus. Se todos fizerem isso, terão a arder-lhes no altar do coração aquele amor do qual Cristo lhes falou. Todos os grupos terão a bondade e a ternura cristãs. Não haverá nenhuma contenda; pois os servos de Deus não devem contender. ...

"A correta interpretação das Escrituras não é tudo o que Deus requer. Ele não Se compraz apenas em que conheçamos a verdade, mas... devemos pôr em prática, no trato com os nossos semelhantes, o Espírito daquele que nos deu a verdade."¹⁹

De qualquer maneira, formou-se um conceito errado quanto aos temas a serem apresentados na reunião que precederia a Conferência Geral. De acordo com W. C. White, Butler lhe escrevera uma carta na qual "dava uma lista dos assuntos que ele achava que deveriam ser levados em consideração. Entre estes, mencionava especialmente os dez reinos e a lei de Gálatas. ... O Pastor Butler se esqueceu, e não admite que tenha escrito tal carta em alguma ocasião."²⁰

Waggoner e Jones vieram bem preparados com sua munição teológica e histórica, mas, por alguma razão, Uriah Smith e seus companheiros não fizeram nenhum preparativo especial. Trouxeram, contudo, várias centenas de cópias do panfleto de Butler sobre Gálatas, as quais distribuíram entre os delegados.²¹

Infelizmente, o apelo de Ellen White em fa-

vor da bondade e compaixão foi grandemente ignorado, quando a comissão ministerial se reuniu na quarta-feira, 10 de outubro, uma semana antes da sessão de abertura da Associação Geral. As palestras de Jones sobre os dez reinos, apresentadas no segundo dia da reunião, resultaram em discussões que às vezes se tornavam acrimoniosas. Serena, a irmã White confiava em que um bom espírito viesse afinal a prevalecer. No sábado à noite, 13 de outubro, ela pregou sobre o amor de Deus e depois fez apelo para testemunhos. "Muitos deram testemunho", escreveu ela, "de que aquele foi o dia mais feliz de sua vida. ... Aquela foi uma ocasião de refrigério para muitas almas, mas ele não continuou em alguns."²²

Ellen White culpou tanto o Pastor Butler como o Pastor Smith por obstruírem o caminho, de maneira que a verdade e a luz fossem tratadas como hóspedes indesejáveis. Às 2:30 h da manhã de 15 de outubro, ela escreveu a Butler: "Não me sinto nenhum pouco constrangida em dizer que foi trazido para esta reunião, não um espírito de esforço para obter a luz, mas de obstrução do caminho, para que não penetre um raio nos corações e mentes do povo, mediante algum outro conduto que não seja aquele que decidistes ser o conduto apropriado."²³

Quando a comissão ministerial foi absorvida na sessão da Associação Geral, as apresentações incluíram mensagens mais poderosas da parte de Waggoner sobre a justificação pela fé em Cristo; estas, porém, foram vistas com desconfiança pelo grupo de Butler e Smith. Smith certamente expressou os sentimentos de muitos, quando declarou: "Poderíamos concordar com os seis temas preliminares do irmão Waggoner sobre justificação; eu mesmo teria sido o primeiro a exultar com eles, não tivesse de há muito sabido que ele desejava pavimentar o caminho para suas posições sobre Gálatas."²⁴

As discussões sobre a lei em Gálatas levaram os irmãos do leste e do oeste a se afastarem mais do que nunca. Os agravos existentes tornaram-se ainda piores, quando os dois lados se confrontaram com seus pontos de vista opostos. Uma das conseqüências mais lamentáveis do espírito acrimonioso revelado por Butler, Smith e outros para com Waggoner e Jones, foi que aquelas animosidades foram dirigidas também contra Ellen White. A essa altura, estava em jogo uma questão mais importante do que os dez reinos ou a lei no livro de Gálatas: a aceitação ou rejeição de Ellen White como mensageira do Senhor.

Na verdade, os homens de Butler-Smith já desconfiavam da Sra. White mesmo antes de

a sessão começar, por causa da conhecida amizade que sabiam existir entre seu filho e Waggoner e Jones. Eles estavam certos de que ela fazia parte da "conspiração" da Califórnia. Essas desconfianças se lhes confirmaram na mente quando ela apoiou fortemente a Waggoner em suas mensagens sobre justificação pela fé. Foi responsabilizada pela associação. A respeito dessa mudança de atitude para com ela, escreveu Ellen White: "Era evidente que nossos irmãos estavam desiludidos. Eles haviam perdido a confiança na irmã White, não porque a irmã White houvesse mudado, mas porque outro espírito se apoderara deles e os controlava."²⁵

A irmã White caracterizou a atitude do grupo Butler-Smith como rebelião. Ela declarou: "A posição e a obra que Deus me confiou nesta conferência foram menosprezadas por quase todos. A rebelião foi geral. Seu curso foi um insulto ao Espírito de Deus."²⁶

"Os irmãos têm gracejado, criticado, comentado, desmerecido, apanhado e escolhido um pouco e recusado muito, até que os testemunhos não significassem nada mais para eles."²⁷

A rejeição de Ellen White foi seguida pela rejeição de tudo o que ela defendia, incluindo as apresentações de Waggoner sobre justificação pela fé. A Butler, escreveu ela: "De um modo geral, o espírito dos ministros que vieram a esta reunião é de rejeição da luz."²⁸ Parece que a maioria dos 96 delegados foi influenciada por esse espírito de cinismo e descrença. Notai as palavras citadas na ocasião: "Quase todos" haviam rejeitado a autoridade da profetisa; "de modo geral os ministros" se opunham à nova luz. Lamentavelmente, a profetisa foi obrigada a escrever estas declarações quase inacreditáveis: "Em Mineápolis, Deus deu preciosas gemas da verdade a Seu povo em novo engaste. Esta luz do Céu foi rejeitada por alguns com toda a obstinação que os judeus manifestaram ao rejeitar a Cristo."²⁹

As implicações dessas atitudes pecaminosas são atordoantes, quando consideradas. Ellen White reputou nossos pais espirituais como responsáveis, pelo menos até certo ponto, pelo prolongamento de nossa longa noite de sofrimento. Declarou ela: "Satanás... os impediu de obter aquela eficiência que poderia pertencer-lhes ao levarem a verdade ao mundo, como os apóstolos a proclamaram após o dia de Pentecostes. A luz que devia iluminar toda a Terra com a sua glória foi resistida, e em grande parte por causa da ação dos nossos próprios irmãos, retirou-se do mundo."³¹

Os sermões de Waggoner sobre salvação

por meio da fé na justiça de Cristo, deram uma nota que há muito tempo estivera ausente dos sermões dos pastores adventistas. A maioria dos conversos adventistas veio de outras igrejas cristãs, e sua aceitação de Cristo foi tida como certa. Os pastores adventistas pregavam muito mais sobre a lei e o sábado do que sobre Cristo. Eles se tornaram contendedores capazes que se orgulhavam de sua habilidade de superar numa discussão seus opositores que guardavam o domingo. Os sermões de Waggoner eram diferentes. Ele se concentrava em Cristo — Sua divindade, Sua humanidade e Sua justiça, que Ele nos oferece como um dom. Neste novo realce, Waggoner tinha o total apoio de Ellen White. Ela disse aos delegados: "Vejo a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo em relação à lei, conforme o doutor nos tem exposto. ... O que tem sido apresentado se harmoniza perfeitamente com a luz que Deus achou por bem dar-me durante todos os anos de minha experiência."³²

"Em Mineápolis", disse ela mais tarde, "Deus outorgou preciosas gemas da verdade a Seu povo em novo engaste."³³ "Em Sua grande misericórdia, o Senhor enviou a Seu povo uma mensagem mais preciosa por meio dos Pastores Waggoner e Jones."³⁴

As mensagens foram como águas vivas às muitas almas sedentas que se achavam presentes. W. C. White considerou os sermões de Waggoner o ponto decisivo de sua vida.³⁵ Sete anos depois da conferência A. O. Tait ainda estava sentindo o fulgor. "Positivamente, há ainda em Battle Creek um certo número de homens que não vê luz na bendita verdade quanto à justiça de Cristo, que nos tem sido enviada como chuva de bênçãos desde a Associação Geral de Mineápolis. Achei aquela doutrina precisamente o alimento de que minha pobre alma necessitava, aqui em Mineápolis, e me converti naquela reunião; e, desde então, me tenho regozijado na luz."³⁶

Perto de meio século depois, C. C. McReynolds ainda olhava retrospectivamente para a sessão de Mineápolis como uma experiência verdadeiramente memorável e abençoada. Ele se lembrava: "No final da quarta ou quinta lição do Pastor Waggoner, eu era um pecador vencido e arrependido. Sentia que só podia vencer com o Senhor. Retirei-me para um bosque; não quis jantar; passei a tarde ajoelhado e sobre meu rosto diante do Senhor com minha Bíblia. Cheguei ao ponto de crer na promessa feita por Deus em Sua Palavra, de perdão para os meus pecados, e de que isto dizia respeito tanto a mim como a qualquer pecador. Sua promessa em I São João 1:9; Isa. 1:18; Gál. 1:4 e Tito 2:14 e muitas das

promessas foram examinadas. Eu O vi aí como meu Salvador pessoal e ali me converti de novo. Todas as dúvidas de que meus pecados estavam realmente perdoados foram afastadas, e desde então jamais duvidei de minha aceitação como um perdoado filho de Deus."³⁷

Esta espécie de encontro divino deve ter sido experimentada por mais do que uns poucos apenas, pois Ellen White declarou: "Constantemente o Espírito do Senhor vinha à reunião com poder convincente, a despeito da descrença manifestada por alguns dos presentes."³⁸

A fim de que não se perdessem os benefícios desse novo realce sobre Cristo e Sua justiça, Ellen White, Jones e Waggoner passaram os próximos três anos dirigindo reavivamentos em reuniões campais e em nossas igrejas maiores em todo o país. Havia ainda muita oposição, especialmente em Battle Creek, mas houve muitas vitórias. Com referência a dois destes reavivamentos Ellen White lembrava: "Trabalhamos — e alguns sabem quão arduamente — creio que uma semana inteira, indo pela manhã e à tarde, a Chicago, a fim de podermos introduzir aquelas idéias na mente dos irmãos. ...

"Eles acham que devem confiar em sua própria justiça e nas próprias obras, e olhar para si mesmos, e não se apropriar da justiça de Cristo e introduzi-la na vida e no caráter. ... Passou-se uma semana antes que houvesse uma oportunidade e o poder de Deus viesse sobre aquela congregação como uma maré montante. Digo-vos, ele devia tornar livres os homens; devia apontar-lhes o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

"E lá em South Lancaster houve o poderoso toque do Espírito de Deus. Há ali alguns que estiveram naquela reunião. Deus revelou Sua glória; e cada aluno do colégio foi trazido à porta ali em confissão, e houve o toque do Espírito de Deus. E a mesma coisa aconteceu de lugar em lugar; por toda parte onde estivemos, vimos o toque do Espírito de Deus."³⁹

Com o passar do tempo, muitos — talvez a maioria — dos que haviam pecado tão pertinazmente em Mineápolis, confessaram sua culpa e pediram perdão ao Senhor. Isto incluiu não só os Pastores Butler e Smith, como também os líderes que os apoiavam. A atitude expressa pelo Pastor I. D. Van Horn, ao escrever a Ellen White em 1893, é típica: "Estou realmente envergonhado da parte que desempenhei no 'gracejo', na 'sátira', no 'sarcasmo' e no 'chiste', nos quais fomos tão indulgentes eu próprio e outros do mesmo quarto naquela reunião de Mineápolis. Foi muito er-

rado — tudo errado — e deve ter sido ofensivo ao Senhor que testemunhou tudo. Gostaria que tudo fosse apagado da minha memória.”⁴⁰

Além desses reavivamentos, foram realizadas por nossos ministros em Battle Creek, entre 1889 e 1891, três reuniões ou classes bíblicas, totalizando 46 semanas. Essas reuniões deram também realce especial ao assunto da justificação pela fé. A. T. Jones e E. J. Waggoner encontravam-se entre os instrutores dessas classes, e eles foram também os oradores principais na maioria das sessões da Associação Geral durante toda a década de 1890. Os livros **Caminho Para Cristo, O Maior Discurso de Cristo, O Desejado de Todas as Nações e Parábolas de Jesus**, de Ellen White, com seu enfoque sobre o ministério de Cristo, Seus ensinamentos e Seu caráter, foram publicados entre 1892 e 1900. Podemos agradecer a Deus porque, começando com a conferência de Mineápolis, o assunto da justificação pela fé na justiça de Cristo veio a ocupar um lugar mais amplo na mente e na experiência dos Adventistas do Sétimo Dia.

Sete lições para os nossos dias

Não devemos terminar com a narração dos males e das virtudes da reunião de Mineápolis. Precisamos aprender lições importantes da experiência de nossos antepassados. Precisamos realçar estas lições, meditar sobre elas, e agir de conformidade com elas, do contrário estaremos em perigo de repetir os erros que eles cometeram um século atrás.

Em primeiro lugar, “Devemos humilhar individualmente nossa alma diante de Deus e lançar fora nossos ídolos.”⁴¹ Alguns têm perguntado se a Igreja Adventista do Sétimo Dia deveria hoje, numa ação da Associação Geral, pedir desculpa formal ao Senhor pelos pecados de nossos irmãos de Mineápolis. Ellen White jamais pediu uma ação dessa espécie. Ela reconhecia a responsabilidade da liderança em corrigir os males e em dar à Igreja o tom espiritual apropriado. Mas nos 27 anos que ela viveu depois da reunião de Mineápolis não sugeriu sequer uma vez que devêssemos aprovar uma ação oficial na qual nos dissociássemos formalmente da atitude não cristã manifestada por muitos em Mineápolis. Instou, contudo, com as pessoas envolvidas, para que confessassem seus pecados. Advertiu: “As palavras e atos de todos quantos tomaram parte nesta obra permanecerão registradas contra eles, até que confessem seu erro.”⁴² “Arrependimento”, disse ela, “é o primeiro passo a ser dado por todos aqueles que devem voltar-se para Deus.” E insistia em que

“ninguém pode fazer este trabalho por outro. Cumpre-nos humilhar individualmente a alma diante de Deus e lançar fora nossos ídolos.”⁴³

Em segundo, devemos “orar sem cessar” (I Tess. 5:17). Não podemos dar-nos ao luxo de negligenciar nossa vida de oração sequer por um dia. O Pastor C. C. McReynolds descreve o espírito de falta de oração em Mineápolis. “Estávamos ouvindo um bom relatório sobre a irmã White. Dizia que ela era favorável ao Pastor Waggoner, e que ele era um dos seus prediletos. Despertou-se então o espírito de controvérsia e, quando os delegados voltaram da última reunião do dia, só se ouvia murmúrio, acompanhado de gargalhada e gracejo, e se faziam alguns comentários bastante desagradáveis; não prevalecia nenhum espírito de solenidade. Apenas uns poucos não tomavam parte na hilaridade. Não foi observada a hora de culto, e nada mais da solenidade que deveria ter sido sentida e manifestada numa ocasião como aquela estava presente.”⁴⁴

Visto que muitos delegados não mantinham constante comunhão com Deus, abriu-se a porta para que Satanás lhes controlasse, por algum tempo, a mente. Eles não possuíam nenhuma defesa contra as suas tentações. Não devemos permitir que um capítulo tão triste se repita.

Em terceiro lugar, devemos aprender a amar a todos os nossos irmãos, entre os quais os que não participam de nossas interpretações pessoais das Escrituras. Referindo-se a Mineápolis, Ellen White lamentou: “A divergência na aplicação de umas poucas passagens bíblicas faz os homens se esquecerem de seus princípios religiosos. Elementos se organizam, provocando uns aos outros por meio de paixões humanas a se oporem de maneira áspera e condenatória a tudo que não esteja de acordo com suas idéias. Este espírito não é de cristão, mas de outro.”⁴⁵

Ela admoestou os irmãos: “A. T. Jones e o Dr. Waggoner defendem pontos de vista sobre alguns aspectos doutrinários que todos admitem não serem questões vitais. . . . É uma questão vital, porém, se somos cristãos, se temos um espírito cristão, e se somos verdadeiros, abertos, francos uns com os outros.”⁴⁶

A lei em Gálatas e os dez reinos de Daniel 7 não eram “questões vitais” — não negociáveis, como o sábado e as doutrinas do juízo investigativo. Elas figuravam naquela espécie de interpretações bíblicas na qual se deve tolerar alguma liberdade de crença. É correto ser indiferente para com nossos irmãos e irmãs cujos pontos de vista não são iguais aos nossos, em questões que todos concordam

não serem vitais? Manifestar um espírito não cristão para com as pessoas da Igreja que diferem de nós nestas questões e em outras semelhantes, é repetir o espírito de Mineápolis. Pouco antes da reunião de Mineápolis, Ellen White exortou os irmãos: "O que se necessita é da iluminação do Céu, para que ao olharmos no rosto dos nossos irmãos, possamos dizer: Estes são os que foram comprados pelo preço do sangue de Cristo. Eles Lhe são preciosos à vista. Devo amá-los como Cristo me amou."⁴⁷

Certamente é um bom conselho para nós hoje.

Em quarto lugar, devemos examinar pessoalmente as Escrituras, e não permitir que outros pensem por nós. Em Mineápolis, Ellen White pôde notar que muitos dos nossos pastores estavam simplesmente seguindo a orientação dos Pastores Butler e Smith na compreensão das Escrituras. Eles não estavam fazendo seu próprio julgamento. A lealdade à liderança — uma virtude recomendável — torna-se uma grave fraqueza quando levada a seguir cegamente a liderança em todas as circunstâncias.

Em 19 de outubro, Ellen White advertiu os delegados: "Não acrediteis em qualquer coisa simplesmente porque outros dizem que é a verdade. Tomai vossa Bíblia e examinai-a por vós mesmos."⁴⁸

Em 24 de outubro ela apelou novamente: "Desejo que os homens moços tomem uma posição, não porque alguém a tomou, mas porque compreenderam a verdade por si mesmos."⁴⁹

Em 3 de novembro, último sábado da conferência, ela apelou uma vez mais aos irmãos: "Devemos estar preparados para investigar as Escrituras com mentes desarmadas, com reverência e imparcialidade. Convém orarmos sobre questões de divergências em pontos de vista das Escrituras."⁵⁰

No dia seguinte, 4 de novembro, Ellen White escreveu a sua nora: "Os ministros têm sido a sombra e o eco do Pastor Butler por aí, desde que seja saudável e para o bem da Causa. ... O Pastor Butler... acha que sua posição Lhe confere tal poder que sua voz é infalível. Tirar isto da cabeça dos irmãos tem sido um assunto difícil."⁵¹ Não caiamos na armadilha de pôr um homem onde só Deus deve estar.

Quinto, devemos realçar a justificação pela fé em nossa pregação; deveríamos tornar o assunto claro como o cristal para o povo, e estar certos de que nós mesmos desfrutamos de um relacionamento salvífico com Jesus Cristo. Ellen White exortou: "A fé na justiça de Jesus Cristo, em benefício da alma de cada

indivíduo, deve ser apresentada ao povo, para que a estudem e a considerem cabalmente. É impossível falar demasiadamente sobre o tema, nem com demasiado ardor."⁵²

É provável que todos os delegados de Mineápolis insissem em que acreditavam na doutrina da justificação pela fé em Cristo. Muitos, porém, não agiam nem pareciam estar de acordo com isto, quer na conferência de 1888, quer nos meses subseqüentes. Dirigindo-se à sessão da Associação Geral de 1889, Ellen White declarou: "A verdadeira religião, a única religião da Bíblia, que ensina o perdão através dos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto; que defende a justificação pela fé no Filho de Deus, tem sido menosprezada, difamada e ridicularizada. Tem sido denunciada como levando a arrebatamento e fanatismo."⁵³

Mesmo o pensamento de Uriah Smith sobre o assunto, parece ter sido não muito claro às vezes. Por exemplo, em editorial na **Review** de 11 de junho de 1889, ele escreveu: "A lei é espiritual, santa, justa e boa, o padrão divino de justiça. A perfeita obediência a ela trará justiça perfeita, e esta é a única maneira pela qual pode alguém alcançar a justiça. ...

"Há uma justiça que podemos obter, a fim de ver o reino do Céu, a qual é chamada de 'justiça nossa', e essa justiça vem pelo fato de estarmos em harmonia com a lei de Deus. Em Deut. 6:24 e 25, lemos: 'E o Senhor nos ordenou que fizéssemos todos estes estatutos, para temer ao Senhor nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como no dia de hoje. E será para nós justiça quando tivermos cuidado de fazer todos estes mandamentos perante o Senhor nosso Deus, como nos tem ordenado.' O Senhor não lhes mandaria fazer aquilo para o que Ele não havia feito provisão adequada; e, se eles o fizessem, isto lhes seria justiça."⁵⁴

Uma semana depois de publicado este editorial, alguém perguntou a Ellen White: "O que esse artigo do irmão Smith na **Review** quer dizer?" Ela respondeu publicamente: "Ele não sabe a respeito do que está falando; ele vê as árvores como homens andando. ... É impossível exaltarmos a lei de Jeová, a menos que nos apoderemos da justiça de Jesus Cristo."⁵⁵

Em seu extenso manuscrito, "Olhando retrospectivamente para Mineápolis", escrito pouco depois do término da conferência, Ellen White declarou: "Dou testemunho de que a mais preciosa luz esteve a resplandecer das Escrituras na apresentação do grande assunto da justiça de Cristo em relação com a lei, o qual deve ser constantemente conservado diante do pecador como sua única esperança de salvação. ...

"É um estudo que pode exigir o esforço da

mais elevada inteligência humana, que o homem, caído, enganado por Satanás; que tomou o lado da questão pertencente a Satanás; possa ser ajustado à imagem do Filho do infinito Deus — esse homem será semelhante a Ele, para que, em virtude da justiça de Cristo concedida ao homem, caído mas redimido, Deus o ame, assim como amou ao Seu Filho. ...

“Este é o mistério da piedade. Esta figura é do mais alto valor. Deve-se meditar sobre ela, usá-la em cada sermão, pendurá-la na parede da memória, pronunciá-la por lábios humanos, e deve ser investigada por seres que experimentaram e conheceram que o Senhor é bom. Ela deve ser a base de cada sermão.”⁵⁶

Dificilmente a irmã White poderia ter-se expressado com mais clareza e mais decididamente do que quando disse: “O ponto que mais me tem impressionado a mente durante anos é a imputada justiça de Cristo. ...

“Não há ponto sobre o qual se deva demorar com mais empenho, repetir mais frequentemente, ou tornar mais impressivamente gravado na memória de todos, do que a impossibilidade de merecer o homem caído alguma coisa por suas boas obras. A salvação é apenas mediante a fé em Jesus Cristo.”⁵⁷

Em sexto lugar, não devemos “desprezar as profecias” (I Tess. 5:20). Se tão-somente houvesse Uriah Smith dado atenção a este conselho em Mineápolis, ter-se-ia poupado a si mesmo e a muitos outros de sofrimento. O maligno, porém, convenceu a Smith de que Ellen White se contradissera. Ela havia dito em 1856, que o ponto de vista de J. H. Waggoner sobre Gálatas três estava errado. Agora, em 1888, ela parecia apoiar o Waggoner mais jovem, que possuía essencialmente o mesmo ponto de vista de seu pai.

Na verdade, Ellen White não tomou posição sobre Gálatas 3, na conferência de Mineápolis. De maneira inteligente, ela evitou tomar partido quanto a este assunto. Na realidade, ela indicou que sua compreensão dessa passagem era, em alguns aspectos, diferente da que possuía o Dr. Waggoner.⁵⁸

Smith, porém, não deu atenção. Ele se permitiu demorar-se sobre o que considerava fossem erros de Ellen White. Sua indiferença para com a profetisa de Deus continuou por mais de dois anos. Finalmente, em 7 de janeiro de 1891, ele fez uma confissão cabal. Dela escreveu Ellen White: “O irmão Smith... segurou-me a mão quando deixava a sala, e disse: ‘Se o Senhor me perdoar pela tristeza e pesares que lhe tenho trazido, afirmo-lhe que esta será a última vez. Eu mantereí suas mãos erguidas.’... Raramente o Pastor Smith derramava lágrimas, mas ele chorou, e sua voz ficou embargada.”⁵⁹

Esta rejeição temporária da voz profética foi prejudicial não só à experiência cristã de Uriah Smith, mas teve também um efeito ondulante e solapador na confiança de outros. Ellen White lembrou-lhe que ele não poderia anular as seqüências já disseminadas de sua influência. Ela apelou: “Depois de sua atitude ter abalado as mentes e a fé nos testemunhos, o que você ganhou? Se você recuperar sua fé, como poderá remover a impressão de descrença que semeou em outras mentes?”⁶⁰ Quão melhor é que estejamos firmes em nossa convicção da evidência que Deus nos deu, de que Ellen White foi Sua profetisa!

Como item número sete, mantenhemos nossa confiança na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta é a organização eclesíastica à qual se refere Apoc. 12:17. Não há nenhuma outra. Embora Ellen White tenha revelado dúvida quanto a isto em Mineápolis, ela não conservou aquelas dúvidas por muito tempo. Antes que deixasse aquela cidade, ela escreveu a sua nora: “Tremo ao pensar o que teria sido desta reunião se não tivéssemos estado ali. ... Deus operaria de alguma forma para impedir este espírito trazido à reunião, que teve um poder controlador. ... Mas não estamos nem um pouco desanimados. Confiamos no Senhor Deus de Israel. A verdade triunfará e pretendemos triunfar junto com ela.”⁶¹

Pelo resto de sua vida, Ellen White continuou a dar esta mesma nota de confiança no movimento do advento. Nos anos 90, o “régio poder” na administração da Associação Geral arrancou dela as incisivas palavras: “A voz de Battle Creek... já não é a voz de Deus”;⁶² “A igreja está em estado laodiceano. A presença de Deus não está no meio dela.”⁶³ Foi, porém, capaz de dizer ao mesmo tempo: “Deus está à frente da obra, e porá tudo em ordem. Se alguma coisa necessitar ser acertada, na direção da obra, Deus atentará para isto, e operará no sentido de corrigir tudo o que estiver errado. Tenhamos fé em que Deus está dirigindo a nobre embarcação que levará a salvo ao porto o Seu povo.”⁶⁴

Os baluartes de Satanás jamais triunfarão. A vitória estará do lado da mensagem do terceiro anjo. Como o Capitão das hostes do Senhor fez cair os muros de Jericó, assim triunfará o povo que guarda os mandamentos do Senhor, e todos os elementos de oposição serão derrotados.”⁶⁵

“Sinto-me encorajada e abençoada quando penso que o Deus de Israel ainda está guiando Seu povo, e que continuará a estar com ele até ao fim.”⁶⁶

Questionário

1. Se a conferência de Mineápolis foi o ponto decisivo, foi a volta para melhor ou para pior?
2. Quanto da disputa de Mineápolis achais que foi provocada por conflitos de personalidade, e quanto por divergências teológicas importantes?
3. A que lei ou leis está Paulo se referindo em Gálatas 3:19-24? (Ver *SDAB Commentary*, vol. 6, págs. 1109 e 1110.)
4. Se todos os grupos da Conferência de Mineápolis tivessem ouvido o apelo de Ellen White em favor de bondade e mansidão, quão diferente teria sido a conferência?
5. Como podemos revelar amor cristão genuíno pelos nossos irmãos e irmãs que estarão ativos sob quaisquer circunstâncias?
6. Por que é perigoso rejeitar a luz que o Senhor nos envia?
7. A aprovação de Ellen White às mensagens apresentadas por Waggoner em Mineápolis dão carta-branca para endossar tudo o que ele ensinou?
8. Por que Ellen White disse certa vez que Uriah Smith "não sabe de que está falando"?
9. Que lições podemos aprender da Conferência Geral de 1888, além das enumeradas neste artigo?
10. Como teria você se comportado se tivesse sido delegado na Conferência Geral de 1888?

Bibliografia

1. Manuscrito 21, 1888.
2. Manuscrito 30, 1889.
3. *Ibidem*.
4. Carta 82, 1888 (*Mensagens Escolhidas*, Livro 3, págs. 177 e 178).
5. W. C. White a O. A. Olsen, 27 de novembro de 1888.
6. G. I. Butler a E. G. White, 1 de outubro de 1888, pág. 23.
7. J. H. Waggoner, *The Law of God*, págs. 80, 81 e 74.
8. Uriah Smith a Ellen G. White, 7 de fev. de 1890.
9. Ellen White não definiu sua posição sobre a lei em Gálatas senão vários anos mais tarde. Ela não a considerava assuntos diferentes, mas cria que a lei ordenada incluía tanto a lei cerimonial como a moral. Ver Comentários de Ellen White em *SDAB Commentary*, vol. 6, págs. 1109 e 1110.
10. George I. Butler, *The Law in the Book of Galatians*, pág. 4.
11. G. I. Butler a Ellen G. White, 16 de dez. de 1886.
12. *Advent Review and Sabbath Herald*, 14 de dez. de 1886, pág. 779.
13. G. I. Butler a Ellen G. White, 16 de dez. de 1886, pág. 6.
14. Carta 37, 1887.
15. Carta 13, 1887.
16. G. I. Butler a Ellen G. White, 1 de out. de 1888.
17. Carta 13, 1887, 5 de abril de 1887.
18. W. C. White a Dan T. Jones, 8 de abril de 1890.

19. Carta 20, 1888, 5 de agosto de 1888.
20. W. C. White a Dan T. Jones, 8 de abril de 1890.
21. *Ibidem*.
22. Manuscrito 24, 1888 (*Mensagens Escolhidas*, Livro 3, págs. 163 e 164).
23. Carta 21a., 1888.
24. Uriah Smith a Ellen G. White, 17 de fev. de 1890.
25. Ellen G. White, manuscrito 24, 1888.
26. Carta 14, 1889.
27. Carta 40, 1890.
28. Carta 21, 1888.
29. Manuscrito 13, 1889.
30. Carta 6, 1896.
31. *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, págs. 234 e 235.
32. Manuscrito 15, 1888.
33. Manuscrito 13, 1888.
34. Carta 57, 1895.
35. W. C. White a G. C. Tenney, 5 de maio de 1893.
36. A. O. Tait a W. C. White, 7 de out. de 1895.
37. C. C. McReynolds, "Experiências Durante a Conferência Geral de Mineápolis, Minn., 1888", escrito em 1931.
38. Carta 51a., 1895.
39. Manuscrito 9, 1890.
40. I. D. Van Horn a Ellen G. White, 9 de março de 1893, escrito em Battle Creek.
41. *Patriarcas e Profetas*, pág. 590.
42. Carta 24, 1892.
43. *Patriarcas e Profetas*, pág. 590.
44. McReynolds.
45. Manuscrito 30, 1889.
46. Carta 83, 1890.
47. Carta 20, 1888.
48. *Signs of the Times*, 11 de nov. de 1889.
49. Manuscrito 9, 1888.
50. Manuscrito 15, 1888 (escrito em 1 de novembro)
51. Carta 70a., 1888.
52. Carta 85, 1889 (abril de 1889).
53. Carta 24, 1889.
54. *Review and Herald*, 11 de junho de 1889, pág. 376.
55. Manuscrito 5, 1889.
56. Manuscrito 24, 1888.
57. Manuscrito 36, 1890.
58. Manuscrito 15, 1888.
59. Carta 32, 1891.
60. Carta 59, 1890.
61. Carta 70a., 1888.
62. Carta 4, 1896.
63. Manuscrito 156, 1898.
64. *Review and Herald*, 20 de set. 1892, pág. 594.
65. *Testemunhos Para Ministros*, pág. 410, (declaração publicada a primeira vez em 1898).
66. *Life Sketches*, págs. 437 e 438.

GEORGE R. KNIGHT — Prof. de História da Igreja no Sem. Teológico Adventista, Andrews University

Os Homens de Mineápolis

Quanto do conflito de Mineápolis de 1888 pode ser atribuído a diferenças teológicas e quanto a conflitos de personalidade?

O conflito de personalidade foi o elemento central no debate que ocorreu nas reuniões da Associação Geral de 1888. Os paladinos da ortodoxia da "velha guarda" foram George I. Butler (1834-1918), presidente da Associação Geral de 1871-1874

e de 1880-1888, e Uriah Smith (1832-1903), editor da **Review and Herald** e reconhecida autoridade da Igreja sobre interpretação profética.

As "forças da oposição" da Costa Oeste eram representadas por Alonzo T. Jones (1850-1923) e Ellet J. Waggoner (1855-1916), co-editores de **Signs of the Times** e de **American Sentinel**. Seu realce teológico foi percebido pela "velha guarda" como uma ameaça a alguns aspectos da doutrina adventista e da interpretação bíblica tradicional. Smith e Butler não receberam essas ameaças de maneira leviana.

George I. Butler

Butler possuía uma visão elevada do papel do presidente da Associação Geral. Jamais, escreveu ele em 1873, referindo-se a Tiago e Ellen White, houve um "grande movimento neste mundo sem um líder; e não pode haver, de acordo com a natureza das coisas. Quando a natureza concede aos homens uma variedade de dons, segue-se que alguns têm pontos de vista mais claros do que outros, daquilo que melhor promove a Causa. E o melhor bem de todos os interessados em qualquer objetivo proposto, será alcançado seguindo-se inteligentemente os conselhos dos que estão em melhores condições de orientar."¹

Butler, que tinha uma dosagem de sangue de liderança em suas veias (seu avô foi governador de Vermont de 1826-1828), adotou para si mesmo este elevado conceito de liderança. Ele se via não apenas como um forte guia que deveria dirigir do alto, mas também como um cão-de-guarda teológico para a denominação. Afinal, não escreveu ele a Ellen White precisamente antes da convocação da sessão de 1888, procurando assegurar "a melhor posição que nosso povo poderia desejar?"²

A Sra. White indicou que ela não estava tão impressionada quanto Butler com sua elevada visão da presidência da denominação. ... "Não deveis pensar que o Senhor vos colocou (e ao Pastor Smith) na posição que agora ocupais, como os únicos homens que devem decidir se qualquer luz e verdade a mais deverá vir ao povo de Deus." Mais adiante ela censurou Butler por misturar seus próprios "traços naturais de caráter" com seu trabalho, por possuir falsas idéias de sua posição na denominação, por aplicar a mente em "condutos errados" e por referir-se a Jones e Waggoner como "neófitos" em editorial.³

Tal conselho, infelizmente, não demoveu de seu curso o presidente mentalmente exausto.

Perto do fim da sessão da Associação Geral de 1888, a Sra. White escreveu que "o Pastor Butler... esteve na função por três longos anos, e agora toda humildade e modéstia de coração se apartou dele. Ele pensa que sua posição lhe dá tal poder que sua voz é infalível".⁴ Dado a este primeiro choque com o "régio poder" administrativo, talvez não seja surpresa que tanto Jones como Waggoner se voltassem mais tarde contra o conceito de organização denominacional e, especialmente, o sistema presidencial.⁵

Uriah Smith

Uriah Smith possuía, em muitos sentidos, a mesma mentalidade de Butler. Ligado à **Review** desde o começo dos anos 50, por volta de 1888 havia servido como seu editor por aproximadamente 25 anos. Em muitos sentidos, ele se via mais como o proprietário do jornal do que como o seu editor. Como Butler, Smith considerava-se a si mesmo como um guardião da ortodoxia teológica. Smith expôs sua política editorial com relação a Jones em 1892: "Após ter-me tornado, depois de longo estudo e anos de observação na obra, firme em certos princípios, não estou preparado para bandear-me para a sujestão de qualquer noviço."⁶ Baseado nisto, é natural supor que ele mantivesse a mesma posição com respeito a Jones e Waggoner em 1888. Nem ele nem Butler tinham a mais leve inclinação para mudar rapidamente de idéia, diante dos homens mais jovens da Califórnia.

A atitude revelada pelos homens mais jovens não merecia tanta importância. Como disse Ellen White em 1887, faltava "humildade" e "mansidão" a Waggoner, enquanto Jones necessitava cultivar "a piedade prática".⁷ A personalidade de Jones estava regulada de modo especial contra a conquista de amigos e da simpatia de inimigos. A Sra. White o advertia seguidamente contra suas palavras incisivas dirigidas aos outros; Jones, porém, achava quase impossível fazer distinção entre franqueza e aspereza. Isto era perigoso principalmente porque ele considerava a franqueza uma virtude.

Alonzo T. Jones

Outrora um sargento do exército de fronteira, Jones conservava uma atitude autoritária. Esse traço de personalidade, aliado à sua crença infalível de que sempre estava certo, muito contribuiu para dar um tom negativo às reuniões de Mineápolis. A certa altura, Jones deixou escapar inadvertidamente para os delegados, que ele não queria ficar responsável

pela ignorância de Smith quanto a certos aspectos históricos relacionados com Daniel 7.⁸

Sua maneira de falar não abrandou o "não-bandeamento" de Smith, mas fez com que ele e seus amigos se tornassem mais contrários às "novas" idéias.

Ellett J. Waggoner

Com 33 anos de idade, Waggoner era o mais moço dos principais contestadores de Mineápolis. Formou-se em medicina na Cidade de Nova Iorque em 1878, mas, descontente com a prática médica, entrou no ministério. Em 1884 foi chamado como assistente do pai, J. H. Waggoner, editor do **Signs of the Times**.

O principal ponto crítico teológico da vida do jovem Waggoner teve lugar numa reunião campal em Healdsburg, Califórnia, em outubro de 1882. Durante uma palestra, ele foi acometido por algo semelhante a uma visão. "Subitamente", relatou ele, "uma luz brilhou ao meu redor, e a tenda parecia iluminada, embora o sol estivesse brilhando; vi o Cristo crucificado por mim, e pela primeira vez em minha vida me foi revelado o fato de que Deus me amava, e de que Cristo Se deu a Si mesmo por mim pessoalmente." Como resultado dessa experiência, Waggoner dedicou a vida a descobrir na Bíblia "o amor de Deus em favor dos pecadores", e a pregar essa mensagem.⁹

Foi esta "visão" que finalmente levou Waggoner a um estudo em profundidade do livro de Gálatas; um estudo que iria levá-lo à confrontação direta com as forças Smith-Butler na sessão da Associação Geral de 1888. Fiel a esta experiência de 1882, Waggoner descobriu o evangelho no livro de Gálatas. De acordo com Waggoner, a lei de que trata o livro de Gálatas eram os Dez Mandamentos. Assim, como ele resumiu sua posição, os Dez Mandamentos/lei que serviu de aio, leva-nos "'a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados.'"¹⁰

Este ensinamento, que Waggoner começou a publicar no **Signs** e a ensinar no Healdsburg College entre 1884 e 1886, contrariava os trinta anos de teologia adventista. Desde meados de 1850, os ministros que lideravam a denominação haviam ensinado que a lei em Gálatas era a lei cerimonial. Butler e Smith viam a posição de Waggoner como solapadora da teologia do sábado, pregada pela denominação, numa época em que os Estados Unidos estavam enfrentando forte pressão em favor da legalização nacional do domingo.

Enquanto isso, Jones estava suscitando inovações teológicas em outras áreas, publicando-as no **Signs** e ensinando-as em Healdsburg.

Sua área de atrito para com "os irmãos que lideram" tinham que ver com a identificação dos dez reinos de Daniel 7. Incansável estudante da história e da profecia, Jones concluiu que a posição histórica adventista sobre os reinos estivera errada. Tal conclusão o colocou contra Uriah Smith, autor de **Thoughts on Daniel and the Revelation** (Considerações sobre Daniel e Apocalipse) e até então incontestemente intérprete da profecia nos círculos adventistas. A conclusão de Jones, trovejou Butler, provou que ele é um desordeiro, uma vez que defendeu uma interpretação "contrária à fé há tanto tempo aceita por nosso povo adquirido quarenta anos atrás". Ele queixou-se amargamente de que "está surgindo uma geração de moços que se aventuram a publicar suas próprias opiniões, espalhando-as para o mundo, as quais são completamente diferentes e contrárias à posição por tanto tempo mantida por nós".¹¹

A coligação Smith-Butler procurou esmagar os novos ensinamentos numa batalha de bastidores na sessão da Associação Geral de 1886, mas ao debater-se por várias horas, a comissão examinadora dividiu-se em quatro votos a cinco. "A pergunta", escreveu Butler, "era se deveríamos levar isto para a Associação e realizar um grande debate público sobre o assunto."¹² Não desejando uma confrontação aberta sobre um assunto tão contraditório, Butler decidiu apresentar uma posição de compromisso diante de uma sessão de negócios dos delegados. Como resultado, a sessão de negócios aprovou uma resolução segundo a qual "pontos de vista doutrinários não defendidos por uma grande maioria de nosso povo" não devia fazer parte do ensino das escolas adventistas nem ser publicados em jornais denominacionais "como se fossem doutrinas aceitas por esse povo, antes que fossem examinados e aprovados pelos irmãos experientes da liderança".¹³

Essa resolução, contudo, pouco fez no sentido de resolver os pontos controvertidos. Eles continuaram latentes até as reuniões da Associação Geral, quando se tornaram os principais itens da agenda. Sua inclusão na agenda enfureceu o presidente da Associação Geral. "Meu único desgosto", escreveu ele na véspera das reuniões, era "que o Pastor Smith e eu não pudéssemos avançar neles (os novos ensinamentos) e denunciá-los nos mais variados canais possíveis" quando eles foram impressos pela primeira vez.¹⁴

Butler, que se encontrava enfermo, não pôde assistir às reuniões de 1888. Enviou, porém, um telegrama a seus colegas para que "permanecessem firmes pelos antigos marcos". Como resultado, seus colegas entraram na luta. Eles não decepcionariam seu debili-

tado líder nem negariam a ortodoxia adventista tradicional. Por outro lado, Ellen White aconselhava os delegados a não fazerem caso das mensagens que Butler estava enviando de Battle Creek.¹⁵

Durante as reuniões de 1888, Smith discutia com Jones sobre a identidade dos dez reinos de Daniel 7, e Waggoner e J. H. Morrison (presidente da Associação de Iowa e debatedor habilidoso) apresentavam posições opostas sobre a lei em Gálatas. Enquanto isso, Ellen White procurava servir de mediadora entre as partes e apelar para a compreensão, a cortesia cristã e o estudo honesto da Bíblia. Ela não assumiu a posição de uma autoridade teológica, nem procurou serenar os argumentos usando seus próprios escritos — embora a “velha guarda” tivesse colocado sua interpretação sobre o livro de Gálatas no centro de sua exposição de motivos, em favor da manutenção da posição tradicional.

A controvérsia continua

A associação não acabou com nenhuma das divergências teológicas. Jones e Smith continuaram a opor-se um ao outro sobre interpretação profética durante os anos 90. Mais importante, contudo, foi a contínua acrimônia sobre o problema de Gálatas.

Enquanto a disputa sobre a lei em Gálatas causou o furor nas reuniões de 1888, este não era o assunto central para a mente de Jones e Waggoner após a sessão. Waggoner havia pregado a justificação pela fé em Cristo no contexto de Gálatas, e era esse realce salvífico que ele e Jones, bem como Ellen White, continuavam a pregar durante os anos seguintes, ao levarem ao povo a mensagem de Mineápolis. Entre 1888 e 1891, eles falaram em congregações adventistas através de toda a nação, enquanto enalteciam a Cristo, Seu amor e Sua justiça. O título do livro de Waggoner, de 1890, **Christ and His Righteousness** (Cristo e Sua Justiça) resume-lhe o realce. Seu trabalho unido, porém, foi interrompido em 1891, com a partida de Ellen White para a Austrália e a indicação de Waggoner como editor de **Present Truth** (Verdade Presente) na Inglaterra — posição que ele manteve até 1902. Enquanto isso, Jones permaneceu nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo que defendia a mensagem da justificação pela fé, serviu como o líder principal da denominação na causa da liberdade religiosa. Em 1897 ele recolocou Smith com editor da **Review and Herald**

As forças Smith-Butler não iam muito bem no período pós-Mineápolis. Eles continuaram a abrigar fortes sentimentos sobre o assunto

de Gálatas e o desafio a sua autoridade. Sua reação emocional ao problema e à personalidade de Jones e Waggoner influenciaram sua reação à mensagem de justificação pela fé, que Butler enaltecera na **Review** em 1884 e Smith repetidamente afirmava crer.¹⁶ Eles pareciam incapazes de desvencilhar aquela mensagem de sua posição sobre Gálatas na sessão da Associação Geral de 1888.

Logo depois das reuniões de 1888, Butler foi para a Flórida com a saúde combalida. Embora se recuperasse num curto espaço de tempo, sua esposa se tornou inválida no ano seguinte. Como resultado, ele deixou o emprego denominacional por 12 anos, mantendo-se com o plantio de laranjas.

Smith continuou como editor da **Review** até 1897, discutindo com Jones sobre interpretação profética e outros assuntos. Sua editoria durante aqueles anos, porém, foi uma batalha decadente, em face da popularidade do carismático Jones, que, no fim de 1892, havia-se tornado a voz ministerial mais ouvida no adventismo americano. Em 1897, Smith sofreu sua última derrota, quando Jones foi indicado como editor e ele foi posto como editor-assistente de Jones no pessoal da **Review**.

No começo dos anos 90, as forças de Smith-Butler começaram a sair da confusão mental com respeito à doutrina da justificação pela fé, no que se relaciona com a controvérsia de 1888. O primeiro momento decisivo ocorreu no curso para ministros, realizado em Battle Creek durante a primavera de 1890. Durante aquelas reuniões, muitos dos ministros da “velha-guarda” começaram a ver que a lei de Gálatas não fora o verdadeiro assunto de Mineápolis. Esta constatação trouxe várias confissões; outras se seguiram, posteriormente.¹⁷

Confissão

Os três líderes que se declararam contra o grupo White-Waggoner-Jones em Mineápolis, finalmente confessaram seu erro quanto à justificação pela fé. Smith foi o primeiro a baquear. Em janeiro de 1891, após uma semana de oração com leitura redigida por Ellen White, que dava realce ao arrependimento com relação à justificação pela fé, ele lhe solicitou uma entrevista juntamente com vários pastores que exerciam liderança, e aí confessou muitos dos erros que cometera em Mineápolis. Falando sobre Smith, Ellen White disse que “ele havia caído sobre a Rocha e estava feito em pedaços”. Segurando a mão de Smith, ela “lhe disse que ele dissera em sua confissão tudo o que podia ter dito”. A experiência completa, relatada por O. A. Olsen,

presidente da Associação Geral, criou "uma sensação bem diferente em Battle Creek, e o Senhor está operando em nosso favor de maneira especial, e o caminho se está abrindo para outros se aclararem".¹⁸ A confissão de Smith foi seguida no verão de 1892 pela de J. H. Morrison, que havia representado Butler como o principal intérprete dos tradicionalistas sobre o assunto de Gálatas em Mineápolis.¹⁹

Butler foi o último dos líderes da "velha guarda" de Mineápolis a confessar seu erro a respeito da justificação pela fé. "Creio plenamente" escreveu ele em junho de 1893, "que Deus abençoou grandemente, para o bem de Seu povo e da causa, a maior agitação das doutrinas da justificação pela fé (e) da necessidade de apropriar-se pela fé, da justiça de Cristo." Butler explicou que jamais crera que pudesse ser salvo por suas boas obras, mas agora "estava bastante satisfeito pelo fato de luz adicional de grande importância ter estado a brilhar sobre essas questões". Ele salientou que "endossava de bom grado (sic)" aquilo a que havia resistido anteriormente.²⁰

Talvez o episódio mais revelador com respeito à unidade da liderança denominacional sobre ambos os lados do assunto da justificação pela fé seja uma reunião convocada por Jones, Smith e o Dr. J. H. Kellogg, na casa deste, durante a sessão da Associação Geral de 1893. Os presentes foram O. A. Olsen, Dan T. Jones, Smith, W. W. Prescott, A. T. Jones e Kellogg — certamente um grupo de opinião firme, que representava as várias correntes do debate. Os participantes votaram unanimemente a seguinte resolução: "Que, em vista dos fatos e explicações trazidos à tona por esta conferência, **não há nenhuma base quer para controvérsia, quer para divergência com respeito à doutrina da justificação pela fé ou concernente à relação entre a fé e as obras.**"²¹ Esta unanimidade sobre aqueles pontos não significava, porém, que eles concordassem sobre a lei em Gálatas. Smith e Butler, quanto sabíamos, tiveram dificuldades quanto a esse ponto até morrerem.

Apostasia

Se Butler e Smith se inclinaram a vir mais tarde para a luz sobre a justificação pela fé, durante os anos 90, uma das grandes tragédias do adventismo, durante o mesmo período, foi que Jones e Waggoner se inclinavam, com o passar da década, para uma escuridão produzida pela introdução de pontos muito profundos, relacionados com a habitação de Cristo. Como resultado, em 1891 eles haviam ido a extremos em normas de fé-saúde, bem

como de santidade, e foram advertidos por Ellen White.²² Por volta de 1894 eles haviam introduzido furtivamente a marca de seu ensino sobre a organização. Nos anos seguintes, ensinaram que toda organização humana estava errada — que a única organização de igreja certa era aquela na qual cada indivíduo era diretamente controlado pelo Espírito Santo.²³ Na primavera de 1889, Jones estava ensinando conceitos de "trasladação mediante a fé", sobre os quais o movimento da Carne Santa iria fundamentar-se. Em 1898 ele escreveu em um editorial que "a perfeita santidade abrange a carne, bem como o espírito".²⁴ Em 1897 Waggoner havia aceito o panteísmo — uma extensão lógica se a doutrina da habitação em Cristo for levada a extremo. Todos estes problemas e tendências podem ser vistos como perversões da doutrina da justificação pela fé.²⁵

Juntamente com seu realce exagerado sobre a santidade, em 1891 Jones estava ensinando extremos sobre a Igreja e indicando afinidades que Ellen White e outros líderes da Igreja reprovavam freqüentemente. Em 1894 ele foi introdutor de Anna Rice como uma segunda profetisa adventista, dizendo que viriam mais.²⁶ Apesar dessas dificuldades, Ellen White permaneceu firme em apoiar Jones e Waggoner e sua mensagem de justificação pela fé de 1888. Até o final de 1896 ela afirmou constantemente que eles eram mensageiros de Deus para exaltar a Cristo. Por outro lado, excede aos fatos inferir que ela aprovou em toda a sua extensão a mensagem básica da justificação pela fé. Na verdade, nem mesmo nas reuniões de 1888 ela concordava com toda a sua teologia e interpretações escriturísticas relacionadas com o assunto.²⁷

Pode-se conjecturar que apesar de suas oportunas reprovações em particular, durante esse período, seu repetido endosso público a Jones e Waggoner como mensageiros de Deus, exacerbou sua natural falta de humildade. Seu apoio não devia surtir esse efeito, mas esse caloroso endosso público só se manteria em equilíbrio se Waggoner e Jones aplicassem constantemente suas mensagens de entrega ao Espírito Santo a suas próprias vidas. Evidentemente, porém, este foi um ponto no qual eles se sentiam pequenos.

Jones, tendo falhado grandemente como editor da **Review**, foi deslocado para o pastorado, em 1901. Ele foi substituído por Uriah Smith, que ficou satisfeito com o reverso. Infelizmente, porém, Smith não conseguiu deixar de responder os editoriais que Jones havia publicado sobre o evangelho em Gálatas. Em 1902 o "novo" editor se responsabilizou por uma série escrita por William Brickey, que

enaltecia a posição anterior a 1888 sobre a lei em Gálatas. Enquanto dizia ainda crer na justificação pela fé, sua reativação da controvérsia de Mineápolis foi a tal ponto que a administração da Associação Geral o tirou de novo da editoria. Seu substituto foi W. W. Prescott, que se havia alinhado com Jones e Waggoner no início dos anos 90. Essa nova derrota significou o fim para o idoso guerreiro. A **Review** que anunciou a mudança, informou também que Smith estava gravemente enfermo.²⁸ Não mais se recuperando plenamente desde o impacto, veio a descansar em março de 1903, com a idade de 70 anos.

Enquanto isso, Butler saiu do seu retiro após a morte da esposa. Em 1901, com 67 anos de idade, tornou-se presidente da Associação da Flórida. De 1902 a 1907, serviu como presidente da Associação da União Sul. Surpreendentemente, ele permaneceu ativo na obra da Igreja até sua morte em 1918. Ao que parece, jamais mudou de ponto de vista com respeito à lei em Gálatas, e a apostasia de Jones e Waggoner nos primeiros anos do novo século tão-somente o fortaleceu em sua posição.²⁹

Paradoxalmente, foram os vitoriosos de 1888, e não os perdedores, que finalmente deixaram a denominação. Os problemas mais graves de Waggoner começaram na Inglaterra. Ele não só aceitou o panteísmo, mas começou a defender o conceito da "afinidade espiritual" — ponto de vista segundo o qual a pessoa que não é um cônjuge legitimamente casado nesta vida, pode sê-lo na vida por vir. Seu problema com a Srta. Edith Adams, uma enfermeira britânica, levou sua esposa a divorciar-se dele em 1905. No ano seguinte ele se casou com a Srta. Adams.

Embora Waggoner se afastasse do emprego denominacional durante o cisma Kellogg de 1903, nunca foi agressivo em sua oposição à Igreja e seus ensinamentos. Mas enquanto manteve sua crença na justificação pela fé, por ocasião de sua morte em 1916, Waggoner abandonou muitas de suas crenças adventistas distintivas. Pouco antes de sua morte, ele afirmou, no que parece ser um documento cuidadosamente escrito, que sua rejeição de crenças adventistas, como a questão do serviço do santuário, havia começado desde 1891.³⁰

Jones, que chamava Waggoner de seu "irmão de sangue no sangue do concerto eterno, pregou o sermão fúnebre no enterro de Waggoner".³¹ Como Waggoner, ele se colocou do lado de Kellogg no cisma de Battle Creek em 1903, tornando-se presidente do novo Colégio de Battle Creek, do médico.

Tendo rejeitada a sua solicitação, pela lide-

rança denominacional no final dos anos 90 e começo do século vinte, Jones, ao contrário de Waggoner, tornou-se o principal acusador público da denominação adventista e de Ellen White. Numa série de artigos e pequenos livros ele atacou a organização da Igreja, o conceito de um presidente denominacional e a pessoa e obra de Ellen White.³²

Suas credenciais foram cassadas em 1907 e seu nome tirado do rol de membro da Igreja em 1909. Depois de 1915 ele editou **The American Sentinel of Religious Liberty**, uma publicação particular que fazia disparos regulares contra os adventistas. Suas filiações com igrejas foram incertas durante esse período, sendo sua última ligação com um grupo de pentecostais que falavam línguas e guardavam o sábado. Para infortúnio de Jones, esse grupo resolveu organizar-se naquilo que para ele era a abominação das abominações — uma denominação — e Jones teve que renunciá-lo.³³ Logo após, a saúde de Jones baqueou. Depois de uma prolongada enfermidade, ele foi ao seu descanso, em maio de 1923.

Questionário

1. Como deve a igreja tratar os que dizem ter nova luz sobre questões em que a igreja já possui um ensino histórico consistente? Responderíeis a questões "periféricas" de maneira diferente da que usaríeis para responder a questões centrais de nossa fé?

2. O que estava errado com a estima-própria de George Butler em favor da Presidência da Associação Geral?

3. Que pensais de um assunto insignificante como o dos reinos que se tornaram dez chifres, serem transformados em um assunto de debate tão acalorado na igreja?

4. Votaríeis a favor da resolução de 1886, sobre o ensino de pontos de vista doutrinários não defendidos pela maioria?

5. Por que, em vossa opinião, Ellen White se recusou a assumir o papel de autoridade teológica e estabelecer o debate?

6. Como descreveríeis o papel que Ellen White desempenhou durante a sessão da Associação Geral de 1888?

7. A confissão de Uriah Smith estava plenamente certa, embora ele não tenha mudado de idéia a respeito da lei em Gálatas. O que pensais que sua confissão envolvia?

8. Prova a apostasia de Jones e Waggoner que seu ensino sobre a justificação pela fé estava errado?

Bibliografia

1. G. I. Butler, *Leadership* (Battle Creek, Michigan, 1873), pág. 1.
2. G. I. Butler a E. G. White, 1º de Out. de 1888.
3. E. G. White a G. I. Butler, 14 de Out. de 1888.

4. E. G. White a Mary White, 4 de Nov. de 1888.
5. Ver G. R. Knight, *From 1888 to Apostasy: The Case of A. T. Jones* (Washington, D. C.: Review and Herald Publishing Assn., 1987), págs. 178-193.
6. Uriah Smith a A. T. Robinson, 21 de Set. de 1892.
7. E. G. White a E. J. Waggoner e A. T. Jones, 18 de Fev. 1887.
8. A. T. Robinson, "Did the Seventh-day Adventist Denomination Reject the Doctrine of Righteousness by Faith?", manuscrito não publicado, 30 de jan. de 1931.
9. E. J. Waggoner, *The Everlasting Covenant* (Londres, Inglaterra: Sociedade Internacional de Tratado, 1900), pág. 5.
10. _____, *The Gospel in the Book of Galatians* (Oakland, Califórnia: Pacific Press Publishing Assn., 1888), pág. 45.
11. G. I. Butler a E. G. White, 1 de Outubro de 1888.
12. G. I. Butler a E. G. White, 16 de Dez. de 1888.
13. "General Conference Proceedings", *Review and Herald*, 14 de Dez. de 1886, pág. 779.
14. G. I. Butler a E. G. White, 1 de Out. de 1888.
15. E. G. White a W. H. Healey, 9 de Dez. de 1888, manuscrito 15, de Ellen G. White, 1 de Nov. de 1888; manuscrito 13 de E. G. White, n. d., 1889.
16. Ver, e. g., Uriah Smith a Ellen G. White, 17 de Fev. de 1890, *Review and Herald*, 23 de Set. de 1884, págs. 616 a 617.
17. D. T. Jones a J. D. Pegg, 17 de Mar. de 1890; D. T. Jones a W. C. White, 18 de Mar. de 1890; O. A. Olsen a G. C. Tenney, 20 de Mar. de 1890.
18. E. G. White, "Be Zealous and Repent", *Review and Herald Extra*, 23 de Dez. de 1890, págs. 1 e 2; E. G. White, manuscrito 3, de 9 de Jan. de 1891; D. T. Jones a R. M. Kilgore, 9 de Jan. de 1891; O. A. Olsen a R. A. Underwood, 16 de Jan. de 1891.
19. O. A. Olsen a J. H. Morrison, 10 de Julho de 1892; O. A. Olsen a E. J. Waggoner, 27 de Julho de 1892.
20. G. I. Butler, "Personal", *Review and Herald*, 13 de Junho de 1893, pág. 377.
21. "Relatório da Associação para a Consideração dos Assuntos da Justificação pela Fé e da Relação entre a Fé e as Obras, Apresentado no Gabinete de Kellogg no Sábado à Noite, 18 de Fev. de 1893", manuscrito não publicado (itálicos supridos).
22. S. N. Haskell a E. G. White, 3 de Out. de 1899; E. G. White, manuscrito 26^o, 5 de Agosto de 1892; J. H. Kellogg a W. C. White, 2 e 21 de Out. de 1891, 9 de Set. de 1892.
23. Ver Knight, págs. 178 a 193.
24. "Saving Health", *Review and Herald*, 22 de Nov. de 1898, pág. 752. Ver também Knight, págs. 56 a 60, 167 a 171.
25. *Boletim da Associação Geral* de 1897, págs. 70-71 e 84-89.
26. Ver Knight, págs. 83-84, 104-131.
27. E. G. White, manuscrito 15, de 1 de Nov. de 1888.
28. Eugene F. Durand, *Yours in the Blessed Hope*, Uriah Smith (Washington, D. C.: Review and Herald Publishing Assn., 1980, págs. 266-268; Uriah Smith a L. F. Trubey, 11 de Fev. de 1902; "Notice to Readers of the Review", *Advent Review and Sabbath Herald*, 25 de Fev. de 1902), pág. 128.
29. A. G. Daniels a W. C. White, 21 de Jan. de 1910.
30. E. J. Waggoner, *The "Confession of Faith" of Dr. E. J. Waggoner* (n. p., [1916]), pág. 14.
31. *The Gathering Call*, Nov. 1916, pág. 6.
32. Ver Knight, págs. 226 a 256.
33. *The American Sentinel*, Set. 1922, págs. 7 e 8; Out. 1922, págs. 3 e 4.

C. MERVYN MAXWELL

O Que é a Mensagem de 1888?

Catedrático do Departamento de História da Igreja do Seminário Teológico na Universidade de Andrews.

Por gentil insistência do editor, vós e eu fomos incumbidos de falar sobre a "mensagem de 1888", assunto sobre o qual uma porção de pessoas estão falando este ano. Entendemos que todos vamos usar a expressão para referir-nos à mensagem **especial** de justificação pela fé — se é que ela foi especial — que foi apresentada na sessão da Associação Geral de 1888 em Mineápolis. Entendemos também que ela se refere à forma da mensagem que devíamos estar pregando hoje. Daí a razão de o título perguntar o que **é**, em lugar de o que foi a Mensagem de 1888.

Tentar determinar o conteúdo histórico preciso da "Mensagem de 1888" é um desafio. Temos livros e artigos que E. J. Waggoner e A. T. Jones escreveram pouco antes e depois

da reunião de Mineápolis de 1888, três breves itens no *Boletim Diário da Associação Geral*, falando sobre apresentações de Waggoner, inúmeros comentários feitos por Ellen White e algumas memórias escritas anos atrás por pessoas que estiveram ali. Mas quando tudo é dito e feito, a verdade é que ninguém sabe precisamente o que Waggoner e Jones realmente disseram em Mineápolis, em 1888. Tentar descobrir transcrições de suas mensagens não obteve sucesso até hoje, e as alegações de que essas transcrições foram localizadas não foram confirmadas.

A tentativa mais recente de descobrir tal documentação foi feita por meu colega, o Dr. George Knight, incansável pesquisador, para o seu livro *From 1888 to Apostasy* (De 1888 para a Apostasia).

O costume de copiar cada palestra nas sessões da Associação Geral só foi instituído em 1891. Temos, contudo, cópias de muitas das palestras de Ellen White, proferidas em Mineápolis. Visto que a Providência deve ter-Se ne-

gado a fornecer cópias a Waggoner e Jones também, talvez não necessitemos realmente saber com precisão o que eles disseram.

O Entendimento de Ellen White

Uma razão para não precisarmos saber com precisão o que eles disseram, é que temos um copioso relatório da percepção que teve dela Ellen White.

Foi Ellen White quem nos disse que 1888 foi importante. Foi ela quem disse que em Mineápolis "Deus deu a mais preciosa mensagem" por meio de "Seus servos", os Pastores Waggoner e Jones.¹ Foi ela quem caracterizou a Mensagem de 1888 como o "incomparável atrativo de Cristo",² como "a terceira mensagem angélica",³ e ainda, "em verdade a mensagem do terceiro anjo".⁴ Foi ela quem falou dela como indicando o início do alto clamor.⁵

Em contraste com Ellen White, muitos dos irmãos da liderança que ouviram os sermões pronunciados por Waggoner e Jones em Mineápolis ficaram irritados com eles. Ficaram alarmados com a interpretação dada por Waggoner da lei que "serviu de aio" de Gálatas 3:24 e 25, como sendo a lei moral. Durante a sessão prévia, eles ficaram igualmente alarmados com a substituição dos Alamanni pelos Hunos, feita por Jones na relação geralmente aceita dos dez chifres de Daniel 7:24. Quanto ao realce da justificação pela fé, eles não podiam ver como ele divergia daquilo que todos eles haviam estado pregando durante anos. Quando ouviram sua profetisa apoiar repetidas vezes a Waggoner e Jones, eles escreveram para casa dizendo que a irmã White havia "mudado" e que os homens da Califórnia a haviam logrado.

Waggoner é o orador ao qual estamos mais ligados, quando pensamos sobre a Mensagem de Mineápolis de 1888, pois foi em relação com sua interpretação da lei que serviu de aio que ele fez suas maiores apresentações sobre a justificação pela fé naquela ocasião. Jones deu suas principais contribuições à compreensão adventista da justificação pela fé após a Conferência Geral de 1888 ter terminado. A propósito, E. J. Waggoner era médico, ao mesmo tempo que ministro, de maneira que se referiam a ele em Mineápolis como o Dr. Waggoner.

Como muitos dos irmãos, Ellen White não gostou de tudo que ouviu o Dr. Waggoner dizer. Um ano antes ela havia escrito a ele, expressando o desagrado de Deus por ele ter publicado seus pontos de vista controversos sobre a lei que serviu de aio em *The Signs of the Times*. Nas reuniões matinais de Mineá-

polis, ela disse que não considerava que ele estivesse apresentando alguma luz nova — embora acrescentasse que não tinha idéia formada sobre o assunto, que ainda não estava "preparada para tomar uma posição." Já no final das reuniões ela disse: "Algumas interpretações da Escritura, dadas pelo Dr. Waggoner, não considero corretas."⁷ Quanto ao debate entre Waggoner e os irmãos, acerca da lei que serviu de aio, ela via ambos os lados como parcialmente errados.⁸ Na verdade, ela considerava toda a questão do aio como um simples "grão de areia".⁹

Contudo, é de grande importância para nós sabermos que, entre as coisas que ela não apreciou, Ellen White ouviu algumas de que gostou muito. Enquanto os dias se passavam, seu coração pulsava mais forte ao ouvir ela essas gloriosas "algumas coisas". "Vejo a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo em relação à lei, como o doutor nela apresentou."¹⁰ Esta parte da mensagem, acrescentou, "harmoniza-se perfeitamente com a luz que Deus Se agradou conceder-me durante todos os anos de minha experiência."¹¹ Ela apelou aos ministros, no final da sessão de quinta-feira, para que aceitassem esta mensagem — que disse necessitavam aceitar — "da justiça de Cristo em relação com a lei."¹² Pouco depois das reuniões de Mineápolis, ela disse que a mensagem não era nova luz, mas "luz antiga colocada onde ela devia estar na mensagem do terceiro anjo."¹³ Quando ela a ouviu, disse alegre e reconhecidamente: "Cada fibra de meu coração diz amém."¹⁴

Houve outras pessoas que também entenderam esta Mensagem de 1888, a despeito da controvérsia sobre a lei que serviu de aio. Alguns pastores ficaram tão arrependidos e convencidos da nova fé em Jesus que até pediram para ser rebatizados.

Necessitamos então de saber o que foi este algo subjacente que Ellen White percebeu ser tão importante, a apresentação que às vezes denominamos de a Mensagem de 1888? Devemos querer pregá-lo também.

Em *From 1888 to Apostasy*, George Knight apresenta algumas reflexões oportunas e alguns comentários úteis. Ele faz distinção entre uma doutrina e uma experiência, e sugere que acima de tudo o que Ellen White desejava era que **experimentássemos** a justificação pela fé, em lugar de a definirmos minuciosamente.

Baseados nisso, podemos lembrar-nos de que muitas doutrinas precisam ser experimentadas? A guarda do sábado e a devolução do dízimo obviamente possuem dimensões que devem ser experimentadas, bem como definidas. Mesmo a doutrina da segunda vinda

deveria afetar todas as nossas decisões diárias, ou a opinião de que ela não vale muito.

O fato de que uma doutrina deve ser experimentada implica, naturalmente, que devemos chegar a uma adequada definição dela, ou a experiência, com toda a probabilidade, não será apropriada. Por exemplo, as pessoas que acham que o sábado é o domingo ou que é um feriado, mais do que um dia santo, talvez não estejam sentindo o dia da maneira que Deus entende.

Se os adventistas hoje deverem ter uma experiência genuína na espécie de justificação pela fé da Mensagem de 1888, necessitamos conhecer a doutrina genuína. Já vimos que em seu centro estava a justificação pela fé em relação com a lei. E que ela era a justificação pela fé **no engaste** da mensagem do terceiro anjo.

Uma crença legalista de que devemos merecer a salvação, e a crença superficial de que nossos pecados estão perdoados, sem o verdadeiro arrependimento e sem o oferecimento de perdão aos nossos semelhantes, ambas resultarão numa experiência inadequada. Quando Jesus fez Sua “apresentação evangélica”, Ele prometeu perdão pleno e de graça, mas não o promete, como algumas pessoas pensam, em troca de uma feliz crença momentânea na bondade de Deus. Junto com a Oração do Senhor, disse Ele: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celestial também vos perdoará.” Louvado seja o Seu nome! Depois Ele acrescenta: “Mas se não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco perdoará o vosso Pai as vossas ofensas” (S. Mat. 5:14 e 15, RSV). Nenhum legalismo aqui, nem graça leviana.

Dessa maneira, devemos **experimentar** a Mensagem de 1888; e, para fazermos isso, precisamos conhecer o seu **conteúdo**. Deus, porém, achou por bem preservar isto para nós, não necessariamente em seu estilo exato dado por Waggoner e Jones.

Nesse caso, que deveríamos fazer? Acho que devemos fazer o que Knight sugere em seu livro. (Na verdade, falamos sobre ele enquanto o autor estava escrevendo.)

Visto que a Mensagem de 1888 é algo que Ellen White percebeu, por meio de um processo de filtragem, pôr fora o que não era bom e reconhecer o que se harmonizava com a revelação de Deus para ela; e uma vez que devemos realmente depender de sua percepção para saber o que ela foi exatamente, acho que devemos impregnar-nos da Bíblia, naturalmente, e também dos escritos de Ellen White — especialmente dos livros práticos gloriosamente centralizados em Cristo, e dos artigos que ela escreveu imediatamente antes de 1890 e durante os anos 90.

Para o objetivo que temos agora, omitiremos os testemunhos não publicados e, ao invés disso, concentrar-nos-emos nos livros que a maioria de nós possuímos em nossas estantes: **Caminho Para Cristo, O Desejado de Todas as Nações, Parábolas de Jesus e Testemunhos Para Ministros**, e sobre outro livro que considero que todos devemos achar muito útil, **Crise e Vitória**, de A. V. Olson. As palestras existentes de Ellen White, que foram apresentadas em Mineápolis, estão incluídas no apêndice desse livro e estão entre as melhores evidências que possuímos em favor do que ela viu quanto à Mensagem de 1888.

Impregnados assim da Bíblia e das publicações apropriadas de Ellen White, acho que deveríamos preparar sermões que atendessem os **critérios** da Mensagem de 1888. No espaço de que disponho, posso fazer apenas sugestões quanto à maneira em que podemos atender a estes critérios. Descobrirei coisas adicionais maravilhosas. Mas pela importância que tem, permitam-me sugerir que qualquer sermão que represente a Mensagem de 1888 faria bem em preencher esses critérios básicos:

1. **Deveria concentrar-se firme e permanentemente em Jesus Cristo.**

Ao discutir a Mensagem de 1888 no texto clássico de **Testemunhos Para Ministros**, págs. 89 a 98, Ellen White diz: “Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. ... Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana.”¹⁵

Na página seguinte ela acrescenta que “a menos que torne a ocupação de sua vida contemplar o Salvador levantado, e pela fé aceite os méritos que é seu privilégio reclamar, não mais poderá o pecador ser salvo do que podia Pedro andar sobre as águas, a não ser que conservasse os olhos bem fixados em Jesus.”¹⁶

Na própria reunião de Mineápolis, Ellen White pregou uma bela mensagem baseada em “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai” (I João 3:1-3), dando realce ao modo verbal “Vede”.¹⁷ Ao resumir a Mensagem de 1888 em resposta a uma pergunta que lhe foi feita numa reunião campal em 1889, ela disse que era a mesma mensagem “que tenho procurado apresentar-vos nestes últimos quarenta e cinco anos (desde 1844) — a **beleza incomparável de Cristo**”.¹⁸

De quando em vez Paulina, minha esposa, me diz: “Fale-me sobre a beleza incomparável de Cristo.” Ela nos faz bem. Talvez queirais fazer uma lista dessas belezas e pregar

um sermão sobre cada uma delas. Enquanto isto, somos lembrados em **Caminho Para Cristo**, págs. 70 e 71: "Cristo em Sua abnegação, Cristo em Sua humilhação, Cristo em Sua pureza e santidade, Cristo em Seu incomparável amor — este é o tema para a contemplação da alma. É amando-O, imitando-O, confiando inteiramente nEle, que haveis de ser transformados na Sua semelhança."

2. Deveria levar à confiança no perdão centralizado em Cristo e também à persistência na obediência centralizada em Cristo de todos os mandamentos de Deus, entre os quais o quarto.

A passagem clássica de **Testemunhos Para Ministros**, que acabamos de citar, diz também: "Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. ... Apresentava a **justificação pela fé no Feador**; convidava o povo para receber a **justiça de Cristo**, que se manifesta na **obediência a todos os mandamentos de Deus.**"¹⁹

A passagem diz ainda: "Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua justiça ao impotente ser humano. Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a **terceira mensagem angélica**, que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida."²⁰

Algumas páginas mais adiante, lemos: "Este é o testemunho que deve ir por toda a largura e extensão do mundo. Apresenta a lei e o evangelho, unindo os dois num todo perfeito."²¹

Na década de 1880, muitos sermões adventistas ressaltavam a obediência a expensas da segurança. Hoje, um dos defeitos de muitos sermões é que eles falam muito pouco a respeito da obediência. Eles convidam os pecadores a irem a um Deus que não só os aceita como eles estão (graças a Deus por isso!), mas que, depois de aceitá-los, tem pouco interesse em transformá-los. A esta espécie de convite Ellen White jamais chamaria de mensagem do terceiro anjo. Esta mensagem se encerra com a vibrante afirmação: "Aqui estão os que **guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus**" (Apoc. 14:12).

Em Mineápolis, Ellen White viu o caráter de Cristo revelado na lei; ao mesmo tempo, ela viu a lei de Deus confirmada na cruz. Qualquer sermão sobre justificação pela fé apresentado hoje, que não leve os pecadores a aceitarem o poder de Cristo para obedecer, bem como Sua maravilhosa graça para aceitar e perdoar, não pode representar corretamente

a Mensagem de 1888.

3. Deve ser claramente adventista.

Não devemos esquecer-nos de que no início do nosso movimento "a mensagem do terceiro anjo" envolvia obediência ao santo sábado e estava de modo característico relacionada com a doutrina do santuário da mensagem do primeiro anjo e do chamado para sair de Babilônia, inerente à mensagem do segundo anjo. Na verdade, na época de 1888, "a mensagem do terceiro anjo" foi taquigrafada para o sistema característico das crenças adventistas do sétimo dia.

Para que um diamante faça parte de uma aliança de casamento ele deve ser colocado firmemente na aliança. Um aspecto grandemente apreciado por Ellen White, do realce da justificação pela fé pregado por Waggoner, foi que ela foi "**colocada onde devia estar na mensagem do terceiro anjo**".²² Vimos isto poucos minutos atrás, mas parece ser importante o suficiente para ser repetido.

A justificação pela fé, de Lutero, foi estabelecida em sua doutrina da "sujeição da vontade" e sua hostilidade ao sábado. A de Calvino baseava-se na doutrina por ele defendida da soberania de Deus, bem como da predestinação e graça irresistível. A Mensagem de 1888 coloca a justificação pela fé no engaste do terceiro anjo, que por sua vez a liga aos outros dois anjos de Apocalipse 14:6-12. Isto significa que Ellen White a percebeu como estando firmemente encaixada na mensagem da hora do juízo de 1844, e na doutrina do santuário e do sábado.

Em Mineápolis, fez ela freqüentemente uso da teologia do santuário, como, por exemplo, no sábado, dia 20 de outubro: "Cristo está agora no santuário celestial. E o que está Ele fazendo? Está fazendo expiação por nós, purificando o santuário dos pecados do povo. Então devemos entrar pela fé no santuário juntamente com Ele; devemos começar a obra no santuário de nossas almas. ... Vinde e humilhai o vosso coração em confissão, e mediante a fé segurai firmemente o braço de Cristo no santuário celestial."²³

4. Deve ensinar-nos a amar-nos uns aos outros, bem como a amar a Jesus.

5. Deve apelar para que nos arrependamos corajosa e positivamente dos nossos pecados acariciados.

Em muitos sentidos os anos 90 — a década após 1888 — foi uma época muito boa para os adventistas. Nossos primeiros postos missionários para não cristãos, por exemplo, foram fundados, e nosso índice anual de crescimento de 9,8 por cento foi o segundo mais elevado dos que já houve em qualquer década.

Deve-se admitir que tal sucesso atestou as bênçãos de Deus a um povo que aceitou a maravilhosa mensagem de 1888 e dela se apropriou.

Tragicamente, contudo, a década foi também marcada pela necessidade de fluxo de comunicação, que por último apareceu em **Testemunhos Para Ministros**. Essas mensagens revelam-nos um quadro diferente. Lembrar-vos-eis de **Testemunhos Para Ministros** como o livro que diz que "fraca e defeituosa" como a igreja possa ser, é ainda "o objeto de Sua suprema consideração".²⁴

Repetidamente neste livro, em passagens que podemos associar facilmente à Mensagem de 1888, Ellen White apresenta a sublime beleza de Jesus Cristo. Em perfeito contraste, há um indício após outro de que a liderança, os leigos, as instituições, as associações, os campos missionários e a igreja como um todo necessitavam grandemente de reforma em harmonia com esta sublime beleza de Cristo. Reiteradas vezes voltamos ao quadro de que "não poucos, mas **muitos**" (grifo no original) perderam seu zelo espiritual e se afastaram da luz.²⁵

Havia uma "estonteante apostasia" entre o povo de Deus. A igreja estava "fria", seu primeiro amor esfriara-se.²⁶

Como os adoradores de Ezequiel 9, os líderes de Battle Creek (não todos) haviam virado as costas para o Senhor; como eles, muitos membros haviam também rejeitado a liderança de Cristo e, em lugar desta, escolhido a de Baal. Os presidentes da Associação estavam "seguindo os rumos do romanismo."²⁷

Todos falaram. A situação era tão grave que Ellen White proclamou que o Senhor "tem uma contenda" com o Seu povo e logo "voltará e subverterá as instituições chamadas pelo Seu nome".²⁸

Deixando de lado a linguagem candente, o que realmente estava errado? Eis uma resposta: "Se abrigais o orgulho, a estima própria, o amor à supremacia, a vanglória, ao engano, à difamação não tendes a Cristo no coração, e a evidência mostra que tendes a mente e o caráter de Satanás. . . . Podeis ter boas intenções, bons impulsos, podeis falar a verdade de maneira inteligível, mas não estais adaptados para o reino do Céu."²⁹

Pregá-se o bem e se faz uma porção de coisas boas, enquanto se fala mal, queixa-se e se duvida de Deus. Luta-se pelo primeiro lugar. Esta a espécie de coisas! Os membros da igreja estavam agindo como cristãos comuns, quando deviam ter estado a refletir para o mundo a beleza de Jesus, a irradiar a santa glória do caráter de Deus, e a preparar-se, por Sua misericórdia, para ser vasos purifica-

dos para o derramamento da chuva serôdia, o Seu Espírito.

Ao apresentar a justificação pela fé na era de 1888, Ellen White apelava insistentemente ao arrependimento de pecados como estes. Evidentemente, nossos sermões sobre justificação pela fé hoje em dia, devem apelar ao arrependimento de pecados comuns, obscenos e acariciados. Devemos apresentar a Deus como estando grandemente interessado em perdoar-nos e também como esperando que admitamos inteiramente a nossa pecaminosidade e que perdoemos as faltas das outras pessoas.

6. Deve levar-nos a um relacionamento com Jesus que resulte em tornarmos claras as nossas escolhas.

Outro dia um aluno se pôs de pé na classe para lembrar-me daquilo que diz o **Desejado de Todas as Nações** a respeito de Judas e de todas as pessoas. Diz que Judas queria ser bom e que foi para ter o caráter mudado que ele procurou inicialmente relacionar-se com Jesus.

"Reconhecia serem Seus ensinamentos superiores a tudo quanto ouvira anteriormente. Amava o grande Mestre, e anelava estar com Ele. Tivera desejo de ser transformado no caráter e na vida, e esperava experimentar isso mediante sua ligação com Jesus. O Salvador não repelira a Judas. Dera-lhe lugar entre os doze. Confiou-lhe a obra de evangelista. Dotou-o de poder para curar os doentes e expulsar os demônios. Mas nem seu relacionamento com Jesus nem a bondade de Cristo para com ele lhe trouxe algum benefício ao longo da carreira."

Por quê? "Judas não chegou ao ponto de render-se inteiramente a Cristo. Não renunciou as suas ambições terrenas, nem seu amor ao dinheiro. Ao passo que aceitava a posição de ministro de Cristo, não se colocou no divino molde. Achava que podia reter seus próprios juízos e opiniões, e cultivou a disposição de criticar e acusar".³⁰

Sempre que leio esta passagem, e lembro-me de que ela foi escrita na década de 1890, tenho a impressão de que o lidar com seus próprios irmãos de fé ajudou Ellen White a entender o que o Senhor lhe revelara a respeito do pobre Judas.

Lembre-mos da exortação em **Caminho Para Cristo**: "O desejo de bondade e santidade é, em si mesmo, louvável; de nada, porém, valerão essas virtudes, se ficarem somente no desejo. Muitos (como Judas? como os líderes adventistas da década de 1890? como nós hoje?) se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Não chegam ao ponto de render a vontade a Deus. Não escolhem agora ser cristãos."³¹

7. Deve ser agradável.

“Acho que deveis educar o vosso coração e lábios a louvá-Lo”, disse Ellen White em Mineápolis.³² “Regozijai-vos sempre”, disse Paulo em I Tess. 5:16.

Que alegria ser aceito por Jesus! — não com um fraco aperto de mão, mas de braços amplamente abertos. Que alegria ser perdoado! — pelo próprio Juiz poderoso. Que alegria entregar nossa vida à sabedoria de nosso compassivo Redentor! Que alegria perdoar aos outros e ter arrancada cada raiz de amargura! Que alegria crescer até à plena estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus! Que alegria guardar o sábado em pureza e santidade na companhia de nosso Senhor e dos domésticos da fé! Que felicidade conhecer a Jesus, a quem conhecer corretamente é vida eterna! “Ao qual, não O havendo visto, amais; no qual, não O vendo agora, mas crendo vos alegrais com gozo inefável e glorioso” (I Pedro 1:8) — ou como conclui o verso a KJV: “Com indizível alegria e completa glória”.

Foi uma grande bênção procurar pensar nestas coisas convosco. Deus nos ajude ao

tentarmos todos pregar a mensagem de 1888 neste ano.

1. Testemunhos Para Ministros, págs. 91 e 93.
2. Manuscrito 5, 1889.
3. Testemunhos Para Ministros, págs. 92 e 93.
4. Review and Herald, 1º de Abril de 1890.
5. Idem, 22 de Novembro de 1892.
6. Manuscrito 15, 1888.
7. Ibidem.
8. Ibidem.
9. Manuscrito 24, 1888.
10. Manuscrito 15, 1888.
11. Ibidem.
12. Ibidem.
13. Manuscrito 24, 1888.
14. Manuscrito 5, 1889.
15. Testemunhos Para Ministros, pág. 92.
16. Idem, pág. 93.
17. Manuscrito 7, 1888.
18. Manuscrito 5, 1888, itálicos supridos.
19. Testemunhos Para Ministros, pág. 91.
20. Idem, pág. 92.
21. Idem, pág. 94.
22. Manuscrito 24, 1888.
23. Manuscrito 8, 1888.
24. Testemunhos Para Ministros, pág. 17.
25. Idem, pág. 449.
26. Idem, págs. 450, 167 e 168.
27. Idem, págs. 89, 467, 468 e 362.
28. Idem, pág. 373.
29. Idem, pág. 441.
30. O Desejado de Todas as Nações, pág. 686.
31. Caminho Para Cristo, págs. 47 e 48, itálicos da autora.
32. Manuscrito 7, 1888.

GEORGE E. RICE — Secretário Associado do Ellen G. White Estate em Washington, D.C.

Arrependimento Coletivo

Necessitam os líderes da Igreja de hoje, de arrepende-se pelos pecados de seus predecessores?

Precisa a Igreja como um todo, de arrepende-se pelo que aconteceu em 1888?

Com a chegada de 1988, os pensamentos de muitos adventistas do sétimo dia voltam-se para a histórica sessão da Associação Geral, realizada um século atrás, em Mineápolis. O que aconteceu naquela reunião ainda está para ser entendido de maneira plena, mas as cartas e manuscritos de El-

len White indicam que se cometeu um grave erro. Durante certo número de anos alguns membros da Igreja têm salientado a necessidade de arrependimento coletivo pelos erros cometidos pela geração de líderes da Igreja, que se encontravam vivos em 1888. Eles encontraram a justificativa para a convocação de arrependimento coletivo em três suposições: 1) A Igreja cometeu um erro na sessão da Associação Geral de 1888 ao rejeitar a mensagem da justificação pela fé; 2) a Igreja jamais se arrependeu desse pecado; e 3) visto que a Igreja é uma entidade corporativa, não receberá ela hoje a chuva serôdia enquanto não se dedicar a arrependimento coletivo pela rebelião demonstrada em Mineápolis.

Outros artigos desse número tratam da história da Associação Geral de Mineápolis, de maneira que não irei repetir a história aqui. Todavia, as implicações da natureza corporativa do Corpo de Cristo, merece a cuidadosa consideração da Igreja.

É a identidade corporativa um ensinamento bíblico correto? E, em caso positivo, que contribuição nos trazem à compreensão dele os escritos de Ellen White?

Talvez o exemplo mais claro de responsabilidade coletiva do Antigo Testamento se encontre na história de Acã. Josué instruiu claramente o exército de Israel quanto à maneira de portar-se durante a captura de Jericó. "A cidade será anátema ao Senhor ela e tudo quanto houver nela... Tão-somente guardai-vos do anátema, para que não vos metais em anátema tomando dela, e assim façais maldito o arraial de Israel... Porém toda a prata, e o ouro, e os vasos de metal, e de ferro, são consagrados ao Senhor; irão para o tesouro do Senhor" (Josué 6:17-19).

Apesar dessa prescrição clara, Acã tomou algumas das coisas devotadas e as enterrou na tenda. Descrevendo o pecado desse homem, a Bíblia fala em termos coletivos. "E prevaricaram os filhos de Israel no anátema;... e a ira do Senhor se acendeu contra os filhos de Israel" (7:1). Esta ira se manifestou na derrota de Israel em Ai. Quando Josué se lançou sobre sua face diante de Deus, o Senhor lhe disse que toda a nação havia pecado. "Israel pecou; eles transgrediram o Meu concerto que lhes ordenei; tomaram algumas das coisas devotadas; eles furtaram e mentiram, e as puseram entre as suas próprias coisas" (7:11, RSV).

A identidade corporativa pode também ser vista na oração de Salomão na dedicação do templo (II Crôn. 6:24-39), na resposta de Deus à oração corporativa do rei: "Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a Minha face... então Eu ouvirei dos Céus, e perdorei os seus pecados" (II Crôn. 7:14), e nas orações corporativas de Daniel (Dan. 9) e Esdras (Neem. 9). Tanto Daniel como Esdras achavam que os reis e príncipes de Judá, e os sacerdotes e levitas haviam pecado e se rebelado contra Deus; então estes homens de Deus se dispuseram a aceitar a culpa juntamente com aqueles que se rebefaram. "Pecamos; obramos impiamente", disse Daniel (Dan. 9:15). "Tu és justo em tudo quanto tem vindo sobre nós; porque Tu fielmente Te houveste, e nós impiamente nos havemos" (Neem. 9:33).

Em I Coríntios 12:12-27, Paulo torna claro que a Igreja é o corpo organizado de Cristo. "Se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é hon-

rado, todos os membros se regozijam com ele" (verso 26). As declarações de Paulo sobre os dons espirituais em Romanos 12:4-8 e Efésios 4:1-16, são também colocadas no contexto do corpo organizado.

Nossa doutrina da natureza do homem e da natureza do pecado, é também construída sobre o conceito da identidade corporativa. "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram" (Rom. 5:12). "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos" (Rom. 18 e 19).

Em defesa do sumo sacerdócio de Jesus, Paulo defende a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico, baseado na identidade corporativa: "E para assim dizer, por meio de Abraão, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos. Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro" (Heb. 7:9 e 10).

A Compreensão de Ellen White

Em 1904, apareceu no **Southern Watchman** uma série de artigos de Ellen White, que falava de Neemias e do reavivamento espiritual ocorrido em sua gestão e na de Esdras. As palavras iniciais do primeiro artigo são uma declaração sobre identidade corporativa. "Entre os filhos de Israel espalhados pelas terras pagãs como resultado dos setenta anos de cativo, havia patriotas cristãos — homens que eram verdadeiros ao princípio; homens que prezavam o serviço de Deus acima de toda a vantagem terrena; homens que honrariam a Deus com a perda de todas as coisas. Estes homens deviam sofrer com o culpado."¹

No último artigo dessa série, aparece a seguinte sentença: "Esdras e Neemias humilhavam-se repetidamente diante de Deus, confessando os pecados de seu povo, e suplicando perdão como se eles próprios fossem os ofensores."² Do começo ao fim da série, Ellen White descreve a responsabilidade da liderança da Igreja dentro do organizado corpo de Cristo.

Dessa forma, a Bíblia e os escritos de Ellen White pintam o povo de Deus como um grupo organizado.

Em nossas considerações sobre arrependimento coletivo, devemos examinar mais dois

conceitos: 1) a punição divina é distribuída pelo corpo organizado e, 2) uma geração posterior pode compartilhar da culpa de uma geração anterior.

É claro que os membros do povo organizado de Deus compartilha da punição. Os israelitas da geração de Acã participaram do desagrado de Deus por este homem. "Patriotas cristãos" como Daniel e seus três companheiros foram levados cativos para Babilônia por causa dos pecados de Judá, tanto os do passado como do presente. Ellen White diz: "Estes homens tiveram que sofrer com os culpados." Foi, porém, porque participaram da culpa dos rebeldes que eles sofreram?

Devemos ser cuidadosos em não confundir participar da punição com participar da culpa. Elas são ambas experiências coletivas, mas são duas coisas diferentes. Pode a culpa de uma geração ser partilhada por outra? Jesus acusou os guias religiosos de serem "filhos dos que mataram os profetas" (S. Mat. 23:31), e indicou que eles deveriam ser punidos pelos pecados de seus antecessores. E acrescentou: "Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração" (S. Mat. 23:35 e 36). Evidentemente, aqueles homens não haviam matado a Abel, Zacarias nem qualquer dos outros mártires. Como podiam eles ser considerados culpados?

Com relação à declaração de Cristo aos guias religiosos, Ellen White diz: "De modo semelhante declarou Cristo serem os judeus de Seu tempo culpados de todo o sangue dos homens santos, que havia sido derramado desde os dias de Abel; pois possuíam o mesmo espírito, e estavam procurando fazer a mesma obra daqueles assassinos dos profetas".³ Foi porque os guias religiosos pediram o sangue de Cristo, e partilharam do mesmo espírito que levou as gerações anteriores a matarem os mensageiros de Deus, que eles partilharam da culpa de seus antepassados.

Falando da reação dos judeus à pregação dos apóstolos após a ascensão de Jesus, Ellen White diz: "Os filhos não foram condenados pelos pecados dos pais; quando, porém, conhecedores de toda a luz dada a seus pais, os filhos rejeitaram mesmo a que lhes fora concedida a mais, tornaram-se participantes dos pecados daqueles e encheram a medida de sua iniquidade."⁴

Notai que a última sentença dessa declaração tem duas partes. A declaração principal é: "Os filhos não foram condenados pelos pe-

cados dos pais." Esta é seguida por uma declaração qualificativa, que expressa a condição sob a qual os filhos participaram da culpa de rejeitarem a Jesus juntamente com seus pais — "quando, conhecedores de toda a luz dada a seus pais, os filhos rejeitaram mesmo a que lhes fora concedida a mais, tornaram-se participantes dos pecados daqueles."

Assim, a culpa de uma geração pode ser partilhada por uma geração posterior, se esta se apegar aos pecados da geração anterior e os perpetuar. Tivessem os guias religiosos aceito a Jesus, não teriam participado da culpa daqueles que os precederam. Se os judeus que ouviram a pregação dos apóstolos depois da ascensão de Jesus tivessem aceito a Cristo como Salvador, não seriam culpados juntamente com seus pais.

Arrependimento coletivo

Requer-se que a Igreja hoje, por causa de sua identidade corporativa, arrependa-se dos pecados que foram cometidos em Mineápolis por nossos antepassados espirituais?

Se, como escreveu Ellen White, os filhos não são condenados pelos pecados dos pais, dificilmente os filhos podem arrepender-se de um pecado pelo qual não são responsáveis. Mas o que dizer das confissões coletivas nas orações de Daniel e Esdras? A leitura cuidadosa revela que suas orações são preces intercessórias.

Notai o seguinte na oração de Daniel:

1. Daniel confessa os pecados de seu povo: "Pecamos, e cometemos iniquidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos Teus mandamentos e dos Teus juízos" (Dan. 9:5). "A nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, porque pecamos contra Ti" (9:8).

2. Daniel intercede por seu povo e pede perdão por eles: "Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa" (9:19).

3. O tema principal da oração de Daniel é um apelo para que Deus retire a punição de que participam ele e seu povo como grupo, por causa dos seus pecados, bem como dos pecados das gerações passadas: "Ó Senhor, segundo todas as Tuas justiças, aparte-se a Tua ira e o Teu furor da Tua cidade de Jerusalém, do Teu santo monte; porquanto por causa dos nossos pecados, e por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o Teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós" (9:16).

A oração de Esdras é semelhante à oração

de Daniel. Ele reconhece os pecados passados e presentes de seu povo e suplica a Deus que retire a punição de que participa Israel, como resultado de ser ele uma corporação (Neem. 9). Nenhuma destas orações defende a idéia de que uma geração se arrepende pelos pecados de outra geração. Daniel admite participar da culpa: "Por causa dos nossos pecados, e por causa das iniqüidades de nossos pais" (9:16); "Estando eu ainda falando e orando, e confessando o meu pecado, e o pecado do meu povo Israel" (9:20). Estas orações, não obstante, ilustram que Deus lida com Seu povo como um corpo organizado, e a punição é distribuída pelo grupo organizado.

Também não pode a declaração da página 25 de **O Grande Conflito** ser usada para defender a idéia de que a geração posterior deve arrepender-se pelos pecados da geração anterior. Pois a geração seguinte só se torna participante do pecado dos pais quando perpetua os pecados da geração anterior. Como participantes desses pecados, eles tomam parte na culpa, mas não se tornam responsáveis pelos pecados da geração anterior. A responsabilidade dos filhos é arrepender-se dos seus próprios pecados. Quando isso ocorre, eles não mais participam da culpa da geração anterior.

Durante a sessão da Associação Geral de 1888, o debate sobre a justificação pela fé e a lei que é chamada de nosso aiô em Gálatas 3:24-26, transformou-se rapidamente em um debate acrimonioso entre as "antigas sentinelas" e os defensores de Jones e Waggoner. Porque Ellen White defendeu a posição de Jones e Waggoner sobre a justificação pela fé, tornou-se objeto de ridículo e escárnio (ver Ms 24, 1888). Sua posição como mensageira de Deus e a integridade e veracidade de seus testemunhos foram postos em dúvida.

Os sentimentos de inimizade e revolta que levou à rejeição do conselho de Deus é "o espírito de Mineápolis". A justificação pela fé é mais do que uma doutrina; é um relacionamento vivo com Jesus, que gera amor a Deus e aos outros. O espírito de Mineápolis é totalmente estranho à justificação pela fé.

Esse espírito de resistência e hostilidade impede o Espírito Santo de fazer a obra que Deus deseja. Após a conferência, os delegados levaram o espírito de Mineápolis para os diversos campos de trabalho aos quais pertenciam.

Se a Igreja hoje demonstrar o espírito de Mineápolis — resistência e rebelião contra os testemunhos, e sentimento de hostilidade e amargura para com os companheiros de crença — tomaremos parte na culpa daquela geração anterior. Se, porém, não adotarmos estas atitudes errôneas, evitaremos a participação na culpa, muito embora ainda participemos da punição — a demora do regresso de Jesus. Enquanto, ao perpetuar seus pecados, uma geração posterior pode tomar parte na culpa de uma geração anterior, cada geração é responsável apenas por seu próprio comportamento; o arrependimento é obrigação apenas daqueles que realmente cometeram uma ofensa.

Perguntas para discussão

1. Podeis citar semelhanças significativas entre o pecado de Acã e o que aconteceu em Mineápolis em 1888?
2. De que maneira todos os membros de uma igreja sofrem quando alguém sofre?
3. Por que muitas vezes os inocentes sofrem junto com os culpados?
4. Por que disse Jesus que a culpa de gerações anteriores repousava sobre os guias religiosos de Seus dias? Como poderiam eles evitar participar dessa culpa?
5. Qual a diferença entre tomar parte na culpa e tomar parte na responsabilidade pelo pecado?
6. Que devemos fazer hoje para estar certos de que não estamos participando das mesmas atitudes pecaminosas que resultaram no "espírito de Mineápolis"?

Bibliografia

1. *Southern Watchman*, 1 de março de 1904.
2. *Southern Watchman*, 12 de julho de 1904.
3. *Ellen G. White, O Grande Conflito* (Mountain View, Califórnia: Pacific Press Pub., 1950), pág. 633.
4. *Idem*, pág. 25.

A Escada da Vida.

Historinhas edificantes para seus filhinhos. Deixe que eles pintem à vontade.

Temos Retardado o Advento?

Ao mesmo tempo que Ellen G. White escreveu que podemos apressar ou retardar o retorno do Senhor, escreveu também que Jesus viria "no tempo indicado". O que ela queria dizer?

Mais de quatorze décadas já se passaram desde que Guilherme Miller pregou que Jesus viria em 1844, e muitos adventistas estão perguntando a si mesmos por que Ele ainda não veio. Por um lado, graves sinais apontam para o fim. Temos a ameaça nuclear, a epidemia de AIDS que está dizimando a África e ameaçando o Ocidente, as drogas, o demonismo e a decadência destruidora ou instituições políticas.

Por outro lado, contudo, alguns sinais não se estão cumprindo. As leis dominicais não constituem um ponto controverso. O direito religioso trata dele, mas perdeu a credibilidade, por causa da derrocada do PTL. Nenhum observador do sábado permanece agora na prisão porque trabalhou no domingo. Muitas denominações se têm unido, mas sua influência nos legislativos é pequena. O grande desafio hoje não é o fanatismo religioso, mas o secularismo e a descrença mundiais.

A sensação de que a Igreja perdeu sua percepção da iminência da volta de Cristo está muito difundida, e muitos estão fazendo ingênuos esforços para tirar a Igreja do ponto morto. Alguns estão reaplicando ao futuro profecias cumpridas no passado, crendo que isto despertará o povo de Deus e levará aos acontecimentos finais. Em 1980, um comentarista desses escreveu um documento de 1.400 páginas, pregando que grandes coisas deveriam acontecer em 1982 e 1983. Outro confia em que é o Papa atual quem levará o mundo a sancionar as leis dominicais. Alguns estão convencidos de que o juízo no Céu atingiu o caso dos vivos em 1986. Outro pregou que as provações terminariam para os adventistas em julho de 1987, e para o resto do mundo em agosto desse mesmo ano. Para alguns, os ci-

clos do jubileu antigo emprestam significado ao ano de 1987.

Enquanto ninguém está mencionando o dia e a hora, muitos estão falando do mês e do ano. Essas pessoas geralmente dizem que o Senhor está aguardando que a Igreja se arrependa do pecado e aceite as crenças e o estilo de vida que elas defendem. Estão convencidas de que o tempo do retorno de Cristo depende da disposição de Seu povo.

Ellen White viveu durante sete décadas depois de 1844. Sua atitude para com os anos que se passaram pode oferecer-nos orientação equilibrada agora.

Tem Jesus retardado a Sua Vinda?

Muitos adventistas do sétimo dia acham que Jesus tem retardado a Sua vinda e fazem referência à declaração de Ellen White, feita em 1883. Disse ela que se todos os adventistas tivessem ficado firmes na fé após o desapontamento de 1844, e unidos na proclamação da mensagem do terceiro anjo, o Senhor teria "operado poderosamente junto com seus esforços, a obra teria sido terminada e Cristo já teria vindo para levar o Seu povo para sua recompensa".¹

"Não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse retardada desta maneira", continua ela, comparando os crentes do advento com o antigo Israel, que vagueou no deserto por quarenta anos. Os mesmos pecados — descrença, mundanismo, falta de consagração e contenda — retardaram os acontecimentos que ambos os grupos estavam aguardando.

Nesta declaração, Ellen White escreve também que "tanto as promessas como as ameaças de Deus são condicionais." As condições por ela mencionadas eram que o povo de Deus devia purificar a alma pela obediência à verdade, e proclamar a mensagem do terceiro anjo.

Enquanto essa era a primeira vez que Ellen White falava da demora de maneira tão cabal, ela repetiu estas idéias muitas vezes, com

o passar dos anos. Disse ela que tão logo o povo de Deus fosse selado em suas testas, e estivesse assim preparado para a sacudidura, Cristo viria.² As vezes ela comparou os crentes com os soldados que não haviam cumprido seu dever, ou árvores que deveriam ter estado a dar frutos. Se tivessem sido fiéis, eles teriam depressa semeado o mundo com a semente do evangelho; mas por não terem cumprido seu dever, a obra estava muito aquém de onde deveria achar-se.³

Em 1892, Ellen White escreveu que os acontecimentos finais estavam cingidos à revelação da justiça de Cristo, que começou em 1888: "O tempo de prova está exatamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o principio da luz do anjo cuja glória há de encher toda a Terra."⁴

Muitos têm concluído, com base nesta declaração mais recente, que o tempo do retorno de Cristo depende desta condição — a revelação da justiça de Cristo. Esta declaração, porém, deve ser considerada no contexto de todo o artigo, e em conexão com tudo o que ela escreveu sobre o alto clamor. Em 1858, por exemplo, ela escreveu a respeito do alto clamor alcançando os pobres escravos.⁵ Em 1888 ela associou o alto clamor com a mensagem do segundo e do terceiro anjo, dando realce especial ao sábado.⁶ Em 1909 ela disse que durante o alto clamor, o amor triunfaria sobre o preconceito racial.⁷

Claro está, portanto, que a declaração de 1892 faz parte de um quadro mais amplo e não deve ser tomada separadamente. Devemos lembrar-nos de que Ellen White escreveu como se todos os acontecimentos estivessem começando ou imediatamente iminentes. Nenhum pode ser usado para estabelecer datas. Em 1891 ela pregou um sermão intitulado: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações". Neste sermão ela disse: "Não tenho nenhuma data específica com respeito à ocasião em que deverá ocorrer o derramamento do Espírito Santo, sobre o qual deva falar — quando o poderoso anjo descerá do Céu e se unirá ao terceiro anjo ao término da obra deste mundo; minha mensagem é que nossa única salvaguarda consiste em estarmos preparados para o refrigério celestial, tendo nossas lâmpadas espevitadas e ardendo."⁸

Em **Parábolas de Jesus**, encontramos a declaração tantas vezes citada: "Quando o caráter de Cristo estiver perfeitamente reproduzido em Seu povo, então Ele virá para reclamá-lo como Sua propriedade."

"O verdadeiro cristão tem o privilégio não

só de aguardar, mas de apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (II Ped. 3:12, margem). Estivessem todos os que professam Seu nome produzindo frutos para Sua glória, então rapidamente o mundo inteiro seria semeado com a semente do evangelho! Rapidamente a última, grande colheita seria ceifada, e Cristo voltaria para ajuntar o precioso grão."⁹

Ao longo de linhas semelhantes, Ellen White disse que se os jovens da Igreja fossem um exército bem treinado, o Senhor viria logo; e que quando os membros fizerem seu trabalho dentro e fora de casa, o mundo será logo advertido e o Senhor virá.¹⁰

Dessa forma, Ellen White foi muito clara ao dizer que Jesus tem retardado a Sua vinda e que, por meio de vida santa e diligente testemunho podemos apressá-la.

Implicações da demora do advento

Mas enquanto se passam as décadas, surgem-nos à mente as interrogações. Uma vez que Deus deve saber quando Jesus virá, como podemos falar de demora? Como podemos harmonizar Sua soberania — Seu controle do tempo do advento — com nossa livre vontade, nossa parte em apressar ou retardar o Advento? Até onde permitirá Ele que impeçamos o clímax de Seus planos?

Se Ele está aguardando que atinjamos um nível de santidade nunca dantes verificado, jamais alcançaremos esse pré-requisito? E quanto a pregarmos o evangelho a todo o mundo, como podemos fazer isto quando há pessoas morrendo — e outras nascendo? Só o adventista está pregando o evangelho aceitável?

Podemos ouvir muitas respostas a estas perguntas. Alguns focalizam o arrependimento e a justiça pela fé, especialmente durante este aniversário de cem anos da Associação Geral de 1888. Outros realçam o comportamento e normas; e outros ainda apontam para a tarefa a ser desempenhada em favor do mundo.

Cada reformador diz: "Tenho a resposta! Siga-me e o Senhor virá!" Enquanto suas respostas variam, todos parecem concordar em que a trasladação dos justos é maior do que a ressurreição dos justos, e que os adventistas devem, portanto, fazer algo que jamais fizeram antes. Alguns estão em desespero porque não vêem os adventistas fazerem isto. A igreja de Laodicéia ainda é a igreja de Laodicéia!¹¹

O que diria Ellen White quanto a tudo isto? Procuraria destruir nossa esperança com suas exortações? Estabeleceria normas que o povo de Deus não pudesse alcançar? Respon-

sabilizaria os crentes fiéis pela infidelidade de outros? Tornaria o retorno de Cristo dependente da santidade ou do testemunho de Seu povo?

A resposta é que até aqui temos examinado apenas um lado daquilo que ela escreveu sobre esta questão, e assim temos obtido um quadro defeituoso. Ellen White disse que Cristo tem retardado Sua vinda, mas isso não compreende tudo o que ela disse. Consideremos o outro lado de seu pensamento.

Está fixado o tempo do regresso de Jesus?

Ao mesmo tempo em que Ellen White escrevia às vezes sobre a demora, mencionava ainda mais freqüentemente a certeza e a proximidade da vinda de Jesus. Em 1888 ela salientou que embora parecesse que Jesus estava demorando, na verdade Ele não o estava. "Não devemos impacientar-nos. Se a visão tardar, esperemo-la, pois certamente ela virá, não tardará. Embora desapontados, nossa fé não falhou, e não nos temos retirado para a perdição. A aparente demora na realidade não existe, pois no tempo indicado nosso Senhor virá."¹²

Deus tem o dia e hora. Ellen White ouviu falar deles em sua primeira visão,¹³ embora o Senhor não lhe permitisse revelá-lo. A mesma carta acima citada, explica: "Não tenho o mais leve conhecimento quanto ao tempo anunciado pela voz de Deus. Ouvi a hora ser proclamada, mas não tinha lembrança alguma daquela hora depois que saí da visão."¹⁴

Em 1888 houve uma tentativa de levar o Congresso a aprovar uma lei dominical nacional. Os adventistas viram essa tentativa como o cumprimento daquilo que eles estiveram proclamando por quarenta anos. A crise final parecia estar à vista, mas a igreja não estava preparada — nem quanto à experiência pessoal dos membros, nem com respeito a sua obra em favor do mundo. Ellen White apelou para que os adventistas orassem por um adiamento, a fim de que tivessem tempo para realizar a obra negligenciada. Ela achava que ainda não era o tempo apropriado para que suas liberdades fossem restringidas.¹⁵ O que ela escreveu neste capítulo, lança uma luz diferente sobre as declarações de 1883, as quais sugerem que o fim não viria enquanto a igreja não tivesse terminado a obra. Em 1889, os acontecimentos pareciam ter começado, embora a Igreja não tivesse feito sua obra.

Outra evidência de um tempo fixado para a vinda de Cristo é encontrada na visão que teve Ellen White, da soberania de Deus. As grandes profecias da Bíblia mostram Seu controle sobre todas as coisas. "Como as estre-

las no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança."¹⁶ Quando o grande relógio de Deus indicou a hora apontada em Daniel 9:24-27, Jesus nasceu em Belém.

Na visão dada a Ezequiel sobre a glória de Deus, a Sra. White viu os símbolos do poder de Deus sobre os governantes terrestres. A mão que estava por baixo das asas do querubim mostrava que os acontecimentos humanos estão submetidos ao controle divino. Deus leva avante Seus intentos através dos movimentos das nações.¹⁷

Deus é soberano também na Igreja. Ele assegura que a Igreja será bem-sucedida em sua missão ao mundo. "A causa da verdade presente... destina-se a triunfar gloriosamente."¹⁸ Na última geração, a parábola do grão de mostarda deve alcançar "notável e triunfante cumprimento", e a mensagem de advertência chegará a todo o mundo "para tomar deles um povo para Seu nome."¹⁹

As reformas que se encontram desestimuladas por causa das condições da Igreja, podem cobrar alento em decorrência da fé de Ellen White no poder de Deus: "É o poder divino que dá sucesso. Aqueles a quem Deus emprega como Seus mensageiros não devem sentir que a obra do Senhor deles depende. Seres finitos não são deixados a levar este fardo de responsabilidade. Aquele que não dormita, que está continuamente atento a Sua obra para a realização de Seus desígnios, promoverá Seu trabalho."²⁰

Desse modo, a soberania de Deus é nossa segurança. Se necessário, Ele terminará pessoalmente a Sua obra. Mas se pensarmos apenas em Sua soberania, podemos mergulhar em apatia pecaminosa. Se Deus tem um plano e não podemos nem apressá-lo nem atrasá-lo, por que, então, fazemos qualquer coisa? Assim, seguir uma ou outra direção dos pensamentos de Ellen White por si mesmo apresenta perigo.

Harmonizando a demora com o apressamento

Como podia Ellen White escrever sobre demora em 1883, mas dizer em 1888 que "na verdade não era assim"? Como podemos harmonizar demora com apressamento?

Temos aqui duas maneiras de encarar o mesmo acontecimento. De nosso ponto de vista, tem havido demora pelo fato de não termos feito a obra que deveríamos ter feito. Do ponto de vista de Deus, porém, não há nenhuma demora. Ele não confiou Seus planos inteiramente a nossas mãos. Ele é soberano; está no controle; tem o Seu "tempo indicado".

Ellen White ensinou, certamente, que Cristo logo viria. Em 1888 ela escreveu: “Os anjos de Deus em Suas mensagens aos homens, apresentam o tempo como muito breve. Assim ele me tem sido sempre apresentado. É verdade que o tempo tem prosseguido mais do que esperávamos nos primeiros tempos desta mensagem. Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém, a palavra do Senhor? Nunca! Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.”²¹

Vemos aqui tanto o apressamento como a demora. Vemos, porém, alguma coisa mais. Nos parágrafos seguintes, a irmã White fala mais quanto às condições a serem enfrentadas, do que a respeito do tempo. Ela nunca se refere ao tempo como simples parte da informação. A **demora** ocupa o segundo lugar nas exortações. Ela fala da mensagem do terceiro anjo e da reforma do sábado e depois apela para que o povo de Deus purifique suas almas pela obediência à verdade. Diz que é a descrença, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que o tem mantido no mundo por tantos anos.²²

Aquele que acredita na iminente vinda de Cristo, mostra-o por meio de vida santa e diligente testemunho. O que julga que Sua vinda está atrasada, revela-o por meio de seus pecados. É o mau servô que diz em seu coração que o senhor tarda em vir.

Certa ocasião Ellen White repreendeu a esposa de um obreiro: “Vi que, tempos atrás, a irmã J... abrigou um espírito de rebeldia, foi voluntariosa. ... Vi que ela **não mantinha a vinda do Senhor** tão perto quanto devia, e que sua mente, em lugar de estar em Rochester, deveria estar inteiramente absorvida na causa de Deus, e deveria estar buscando oportunidade para ajudar seu esposo, sustentar-lhe as mãos e trabalhar onde quer que houvesse uma oportunidade.”²³

Quando Ellen White escreveu sobre o “verdadeiro espírito do advento” e da mulher que “**não mantinha a vinda do Senhor** tão perto quanto devia”, estava falando mais acerca do preparo do que sobre o tempo.

Um povo **estará** preparado quando o Senhor vier. Suas máculas e defeitos — orgulho, paixões; indolência, inveja, ruínas suspeitas e maledicências — serão removidos de antemão.²⁴ Estas “máculas” motivaram todas as exortações de Ellen White. Ela insistia em que a obra de vencer o pecado deve ser levada a efeito nesta vida: nenhum mau traço de caráter será removido quando Cristo vier.²⁵

Quando nos volvemos para o sentido de “apressamento” dos escritos de Ellen White,

observamos que também aí a questão do tempo ocupa o segundo lugar na exortação. Na verdade, ela complementa sua declaração de que a descrença e o pecado têm retardado a vinda de Cristo, com declarações de que devemos vencer a descrença e o pecado porque Ele **logo** virá. Quer pensemos no apressamento quer na demora, nossa obrigação é a mesma: Deveríamos “viver e agir inteiramente de conformidade com a vinda do Filho do homem.”²⁶ Devemos estar tão possuídos do espírito do advento de Cristo que, estejamos fundando trabalho no campo, construindo uma casa ou pregando a Palavra, estejamos preparados por Ele.²⁷

Aqueles que esperam que Jesus venha logo, aguardarão, vigiarão, trabalharão e orarão. Esperar e vigiar mostram que somos estrangeiros e peregrinos na Terra; enquanto outros buscam os tesouros e a vida terrenos, como se o tempo fosse demorar estamos procurando o melhor, o país celestial.²⁸ Trabalhar significa desenvolver nossos talentos para Cristo e lutar em favor das almas. Esperando, vigiando, orando e trabalhando, cultivamos a santidade do coração.²⁹

Enquanto os adventistas que se demoram pensando nos acontecimentos dos últimos dias confiam firmemente nos escritos da Sra. White, ela mesma não traça nenhum mapa do futuro. Esses esboços em geral se baseiam em compilações de citações, e sempre variam de acordo com o compilador. Eles provocam excitação; promovem a assistência às reuniões de oração — mas as coisas podem não ocorrer como foram pregadas. Há perigo em estar sempre anunciando: “Lobo! Lobo!” Ellen White não diz que deveríamos vigiar os sinais dos tempos. Ao contrário, aconselhou-nos a vigiar as mínimas insinuações não santificadas de nossa natureza.³⁰ Devemos vigiar e orar como se cada dia fosse nosso último dia; cumpre-nos ser sóbrios, mas “**não acariciar tristezas e sombras**”.³¹

Quanto a nosso dever de testemunhar, encontramos Ellen White nos exortando a falar a todos que encontrarmos, pois nosso tempo para trabalhar logo passará; dispomos apenas de um curto espaço de tempo para levar avante nossa batalha.³² Em 1904 ela escreveu que pelo fato de o Senhor dever manifestar-Se muito em breve para sacudir a Terra, não há tempo para coisas triviais.³³

Repetidamente ela dizia que o fim estava próximo, mas havia uma grande obra a ser feita: quão diligentemente devemos realizá-la! Vigilância e fidelidade sempre foram requeridas, mas em virtude de o fim estar próximo, Ellen White apela para que dupliquemos a diligência. “Temos agora advertências que po-

demos dar, um trabalho que podemos fazer; logo, porém, será mais difícil do que podemos imaginar."³⁴ (Quão verdadeiramente esta predição de 1900 tem-se cumprido neste século!)

O abreviamento da vinda de Cristo constitui também a motivação básica de nossas casas publicadoras, hospitais, escolas, fábricas de produtos alimentícios e restaurantes. As instituições são projetos muito oscilantes, mas dão prestígio à obra e ajudam a proclamar as mensagens dos três anjos. Devemos trabalhar até que o Senhor nos convide a "não fazer mais nenhum esforço para construir casas de culto e estabelecimentos escolares, hospitais e instituições de publicações. ...

"[Devemos] aumentar as facilidades, a fim de que possa ser realizada uma grande obra num curto espaço de tempo."³⁵

Cumprir-nos estar constantemente em nossa atividade até que o Senhor diga que ela está terminada. Não estaremos prontos para Sua vinda se não a tivermos terminado. Ellen White salienta mais o fazer a obra e viver a vida, do que calcular o tempo. Só Deus sabe quando virá o fim, mas importa que trabalhe e vivamos sempre na esperança de que ele está próximo. Perguntar "Quando?" é fazer a pergunta errada; devemos antes perguntar como estar preparado a qualquer momento que Ele vier.

E quanto à preparação para o tempo do fim?

Atingirá a Igreja algum dia o ponto em que será "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante", achando-se preparada "para permanecer de pé à vista de um Deus santo sem um mediador"?³⁶ Isto parece significar perfeição sem pecado. Como pode acontecer isto?

Ellen White nunca afirmou ser perfeita por si mesma. Pouco antes de morrer, ela disse: "Não digo que sou perfeita, mas estou procurando ser perfeita. Não espero que os outros sejam perfeitos; e se eu não pudesse associar-me a meus irmãos e irmãs que não são perfeitos, não sei o que eu faria.

"Procuro tratar do assunto da melhor maneira possível, e estou grata por ter um espírito de erguimento e, não, de opressão. ... Ninguém é perfeito. Se alguém fosse perfeito, estaria preparado para o Céu. Uma vez que não somos perfeitos, temos uma obra a fazer a fim de estarmos preparados para ser perfeitos. Temos um poderoso Salvador. ...

"Alegro-me em possuir essa fé que se apropria das promessas de Deus, que opera por amor e santifica a alma."³⁷

"Temos um poderoso Salvador." Eis o segre-

do de estar preparado para Sua vinda. Ele é nossa justiça, da mesma forma que foi a justiça de todos os nossos pais que morreram na fé.

A parte de Deus em preparar-me para a trasladação é perdoar-me os pecados e me imputar a justiça de Cristo, e depois fazer-me crescer "de graça em graça, de força em força, de caráter em caráter".³⁸ Minha parte é crer em Sua promessa, confessar meus pecados, entregar-me a Ele e servi-Lo. Quando eu creio que estou limpo, Deus supre o que falta — Cristo ata meus ferimentos e me purifica de toda a impureza.

Estas bênçãos que nos dão nosso título e aptidão para o Céu, são belamente descritas em **Caminho Para Cristo**, págs. 81 e 82. Ellen White diz aí que devemos servir a Cristo e crer em Suas promessas de perdão e purificação — "Assim é se crerdes". Seu desejo é purificar-nos do pecado, tornar-nos Seus filhos e capacitar-nos a viver vida santa. "Assim, podemos pedir as bênçãos e crer que as recebemos, e agradecer a Deus por as termos recebido."

Podemos resumir as exortações de Ellen White comparando-as com alguém que realiza uma corrida. No movimento milerita de 1842-1844, ela era uma corredora numa corrida de cem metros. Ela empregou tudo o que tinha no reavivamento: seu dinheiro, seus esforços, suas orações — tudo.

Após o desapontamento ela se achou correndo uma maratona em lugar de uma corrida comum. Não obstante, conservou o zelo, a força e a dedicação da corrida. Ela nos exorta a entregar-nos em sacrifício, a nos dedicarmos ao Senhor como se cada dia fosse o último, a amar a Cristo ao invés de ao mundo, a estar certos de que nossos pecados são confessados antes de irmos para a cama cada noite e, como os crentes no Advento faziam em 1844, a viver em paz e harmonia. De todas as maneiras pede-nos ela que continuemos a carreira até o fim da maratona. A breve vinda de Cristo sempre nos convida à santidade e ao testemunho.

Dessa forma, vivemos em preparação para a vinda de Cristo. Foi assim que os apóstolos e, de resto, os cristãos de todas as épocas viveram. Enquanto a breve vinda de Cristo empresta nova urgência aos deveres do cristão, o meio de salvação não é diferente nestes últimos dias. Graças a Deus, muitos alcançaram o padrão em Cristo e muitos o estão alcançando hoje. Que possamos estar entre estes!

GUIA DE ESTUDO

1. O que escreveu Ellen White em 1883 so-

bre a demora da vinda de Jesus?

2. Em 1892 ela escreveu que o alto clamor do terceiro anjo havia começado na revelação da justiça de Cristo. Por que deveríamos ser cuidadosos em tornar esta revelação a única condição da vinda de Cristo?

3. É possível que os pecados do povo de Deus impeçam realmente a vinda de Cristo.

4. Mencione algumas pessoas, além dos adventistas, que estão pregando o evangelho a todo o mundo hoje.

5. Como o ensinar que a última geração deve atingir um nível mais elevado de justificação do que gerações anteriores alcançaram, entra em conflito com a verdade da justificação pela fé em Cristo?

6. Que evidência há nos escritos da Sra. White, de que o tempo da vinda de Cristo é fixado e conhecido por Deus?

7. Como as exortações de Ellen White harmonizam suas idéias sobre apressamento e demora?

8. Como a analogia de um corredor lança luz sobre suas atitudes para com a vinda de Jesus?

9. Qual a parte de Deus em tornar-nos perfeitos?

10. Qual a nossa parte em tornar-nos perfeitos, prontos para estar de pé diante de Deus?

1. Manuscrito 4, 1883 (ver *Mensagens Escolhidas*, livro I, págs. 59-73), especialmente págs. 66-69. Todas as referências desse artigo são de obras de Ellen G. White.

2. Ellen G. White *Comentários*, **SABC**, vol. 4, pág. 1.161.

3. *Boletim da Associação Geral*, 22 de fev. de 1893, pág. 419.

4. *Review and Herald*, 22 de nov. de 1892; *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 363.

5. *Primeiros Escritos*, pág. 278.

6. *O Grande Conflito*, págs. 603-612.

7. *Testimonies*, vol. 9, pág. 209.

8. *Review and Herald*, 29 de março de 1892, pág. 193; *Bible Commentary*, vol. 7, pág. 984.

9. *Testimonies*, vol. 9, pág. 69.

10. *Educação*, pág. 270; *Atos dos Apóstolos*, pág. 111.

11. A convicção de que os santos dos últimos dias devem atingir um nível mais elevado de justiça do que seus antepassados alcançaram, não concorda com a doutrina da justificação pela fé. Enquanto devermos realmente guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, não poderemos falar em níveis de justiça diante de Deus. Apenas uma justiça pode conquistar-nos entrada no Céu — a justiça de Cristo. Por mais justos que nos consideremos, ainda seremos apenas servos inúteis. "Em minha mão eu coisa alguma tenho; à Tua cruz eu apegar-me venho", deve ser para sempre o nosso cântico.

12. Carta 38, 1888 (Manuscrito Liberado 816).

13. *Primeiros Escritos*, pág. 15.

14. *Mensagens Escolhidas*, Livro I, págs. 75 e 76 (ver também *Primeiros Escritos*, págs. 34 e 285).

15. *Testimonies*, vol. 5, págs. 714-718.

16. *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 31 e 32.

17. *Profetas e Reis*, págs. 535-537.

18. *Boletim da Assoc. Geral*, 29 de maio de 1913, pág. 515.

19. *Parábolas de Jesus*, pág. 79.

20. *Profetas e Reis*, pág. 171 (ver também *O Desejado*, pág. 822).

21. *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 67.

22. *Idem*, págs. 68 e 69.

23. *Manuscrito 3*, 1867, pág. 1 (Man. Liberado) 816; realce suprido.

24. *Testimonies*, vol. 5, págs. 214-216; *Review and Herald*, 6 de out. de 1896, pág. 629.

25. Manusc. 5, 1874 (Man. Liberado 816).

26. Carta K-66, 1901.

27. Carta B-25, 1902, pág. 5 (Man. Liberado 816).

28. *Testimonies*, vol. 2, pág. 194.

29. *Review and Herald*, 2 de out., 1900, pág. 625.

30. *Testimonies*, vol. 5, pág. 534.

31. *Idem*, pág. 148.

32. *Review and Herald*, 25 de out. 1881, pág. 257.

33. *Testimonies*, vol. 8, págs. 36, 37 e 252.

34. *Testimonies*, vol. 6, pág. 22.

35. *Idem*, págs. 440 e 441.

36. *O Grande Conflito*, pág. 425.

37. "Os Últimos 153 Dias", *Review and Herald*, 23 de julho de 1970, pág. 3.

38. Ver *Mensagens Escolhidas*, págs. 350-400.

